



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB / CAMPUS III
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS – CCHSA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JANIELY DA COSTA CUNHA

DE ESCOLA A LABORATÓRIO DE ENSINO: As Múltiplas Facetas Históricas
D’o Grãozinho (1980-2016)

BANANEIRAS – PB

2017

JANIELY DA COSTA CUNHA

DE ESCOLA A LABORATÓRIO DE ENSINO: As Múltiplas Facetas Históricas D'o
Grãozinho (1980-2016)

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr. Vivian Galdino de Andrade

BANANEIRAS – PB
2017

JANIELY DA COSTA CUNHA

DE ESCOLA A LABORATÓRIO DE ENSINO: As Múltiplas Facetas Históricas D’o
Grãozinho (1980-2016)

Monografia julgada e aprovada em ___/___/___

Comissão Examinadora

Prof^ª. Dr^ª Vivian Galdino de Andrade
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª Fabrícia de Sousa Montenegro
Examinadora

Prof^ª. Dr^ª Catarina Carneiro Gonçalves
Examinadora

BANANEIRAS – PB
2017

Ele semeava tranquilo
sem pensar na colheita
porque muito tinha colhido
do que outros semearam.
(**Mascarados.** Cora Coralina)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ser essencial em minha vida, autor do meu destino e por estar presente em todos os momentos, me mantendo de pé diante as inúmeras dificuldades, angústias, alegrias e conquistas vivenciadas durante este processo acadêmico;

Aos meus pais, João Felix e Maria de Lourdes Costa, e aos meus irmãos Joalison Costa e Joandson Costa, por terem incentivado os meus estudos e pela educação a mim concedida que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que chegasse até esta etapa de minha vida;

Ao meu marido e companheiro Jakson Alves da Silva, que nunca hesitou em me apoiar incondicionalmente e pela parceria nos momentos que precisei, seja a partir de uma simples palavra de afeto até mesmo ao seu silêncio cedido durante a realização deste trabalho;

A minha sobrinha Maria Júlia que me inspirou para conclusão deste trabalho;

A todos os meus familiares que de alguma forma contribuíram e confiaram em mim. Eles sabem da importância do curso pra mim.

A minha orientadora Vivian Galdino de Andrade, pela disponibilidade, atenção e compromisso durante a construção do meu trabalho; e aos colaboradores desta pesquisa por disporem do seu tempo em nome da realização deste trabalho;

A minha turma 2012.2 que ao longo desses anos estiveram juntos, compartilhando grandes momentos de aprendizagem e amizade; As minhas amigas que tive a honra de poder dividir momentos de alegria e de apreensão: Clediane, Dalvilene, Aline, Sônia, Sandra e Aleilma, enfim a todos da turma;

Aos professores do curso de Pedagogia, em particular a professora Jalmira Linhares, que de uma forma generosa me ensinou o que é ser professora; e as supervisoras do projeto PIBID, Aldenira Costa e Edla Barbosa, que foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional ao revelar a realidade das instituições de educação;

MUITO OBRIGADO!!! DEUS ABENÇÕE A TODOS!!

RESUMO

CUNHA, Janiely da Costa. De escola a Laboratório de ensino: as múltiplas facetas históricas d'O Grãozinho (1980-2016), 2017.

Este trabalho se propõe a apresentar a história educacional d'O Grãozinho, desde ambiente de escola regular a Laboratório de Ensino. Com base em uma abordagem qualitativa, por meio de uma pesquisa descritiva, histórica e documental, adotamos a metodologia da História Oral para realizar entrevistas com o intuito de pelas memórias reescrever uma versão, dentre tantas outras possíveis, da história desta instituição. Neste mesmo âmbito, adotamos a análise de alguns documentos produzidos pela unidade, como o regimento de fundação e os relatórios de atividades. Nosso objetivo maior permeou em discutir e historicizar o contexto de criação e institucionalização da Escola de Educação Infantil "O Grãozinho", descrevendo a trajetória de seu momento de transição e constituição para Laboratório de Ensino do Curso de Pedagogia, Campus III/ UFPB. Nessa mesma direção, com vistas a mapear suas múltiplas facetas históricas, refletimos as mudanças pedagógicas que surgiram neste processo, discutindo suas práticas educativas e a nova identidade assumida como Brinquedoteca e Laboratório de Ludicidade. Auxiliados pelos estudos de Marilena Dandolini Raupp, passamos a discutir os dilemas enfrentados pelas unidades de Educação Infantil situadas em instituições federais de ensino no Brasil, da mesma forma em que contamos com os trabalhos monográficos de Gabriela Moraes Valério da Silva e Tamires Silva de Moura, estudos já realizados sobre o Grãozinho, para auxiliar na compreensão de sua história educacional.

Palavras-chave: História; Unidades de Educação Infantil federais; Grãozinho.

ABSTRACT

CUNHA, Janiely da Costa. From school to teaching laboratory: the multiple historical facets of Grãozinho (1980-2016), 2017.

This work is an educational proposal of O Grãozinho, from the regular school environment of the Teaching Laboratory. Based on a qualitative approach, through descriptive historical and documentary research, we adopted the Oral History methodology to conduct interviews with the aim of rewriting a version, among many other possible, the initial story. In this same domain, we have adopted an analysis of some unit-produced documents, such as the Founding Regiment and the knowledge of activities. Our main objective was to discuss the creation and institutionalization of the School of Early Childhood Education, "The Grãozinho", describing a trajectory of its moment of transition and constitution for the Teaching Laboratory of the Pedagogy Course, Campus III / UFPB. In this same direction, with a view to mapping their multiple historical facets, they reflect the pedagogical changes that emerged in the process, discussing their educational practices and a new identity as the Toy Library and Lesson Laboratory. Aided by Raupp's studies, we began to discuss the dilemmas faced by the child education units located in federal educational institutions in Brazil, just as we have the case studies of Gabriela Morais Valério da Silva and Tamires Silva de Moura, studies already done on Grãozinho, to assist Understanding of their educational history.

Keywords: History, Education Children, Grãozinho.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Imagem frontal da Instituição, 1996.....	23
Imagem 2- Imagem frontal da Instituição, 2016.....	23
Imagem 3- Antiga brinquedoteca do Curso de Pedagogia, 2013	53
Imagem 4- Ateliê do Laboratório Grãozinho.....	54
Imagem 5- Espaços brincantes, 2016	55
Imagem 6- Seminário: Currículo Infância e Cultura Lúdica, 2016.....	63
Imagem 7- Comemoração da Páscoa de 1998	82
Imagem 8- Comemoração de São João n' O Grãozinho de 1991.....	82
Imagem 9- Comemoração do dia das mães no auditório do CFT em 1991.....	83
Imagem 10- Desfile Cívico em comemoração ao dia 7 de setembro de 2012	83
Imagem 11- Comemoração do dia do índio de 1996	84
Imagem 12- Turma dos concluintes de 2002 em frente da Escola de Educação Infantil "O Grãozinho"	84
Imagem 13- Espaço destinado para exposição de trabalhos e para brincadeiras em ambiente fechado	85
Imagem 14- Professoras pioneiras do Grãozinho em 1987	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Distribuição das unidades de Educação Infantil em sistemas federais na Paraíba, 2017	15
Quadro 2 – Fontes Documentais	16
Quadro 3- Os sujeitos entrevistados.....	19
Quadro 4 – Estrutura física da Escola de Educação Infantil o Grãozinho	22
Quadro 5- Professores que compuseram a equipe pioneira do Grãozinho em 1981.....	24
Quadro 6- Professores que atuaram ou atua na coordenação pedagógica do Grãozinho.....	28
Quadro 7 – Comissão de reestruturação pedagógica do Grãozinho.....	40
Quadro 8 – Estrutura física, 2016	55
Quadro 9 – Trabalhos monográficos	61
Quadro 10 – Lista de Projetos	61

LISTA DE SIGLAS

- CAPES-** Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
- CAVN-** Colégio Agrícola Vidal de Negreiros
- CCHSA-** Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias
- CLT-** Consolidação das Leis Trabalhistas
- CFT-** Centro de Formação de Tecnólogos
- DCBS-** Departamento de Ciências Básicas e Sociais
- DE-** Departamento de Educação
- EBTT-** Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
- ENADE-** Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
- ENALIC-** Encontro Nacional das Licenciaturas
- GPESC-** Grupo de Pesquisa em Currículo e Práticas Educativas
- INEP-** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- LDBEN-** Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- MEC-** Ministério da Educação
- NEMDR-** Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural
- PIBID-** Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
- PROBEX-** Programa de Bolsas de Extensão
- PROEXT-** Programa de Extensão Universitária
- PROLICEM-** Programa de Licenciatura
- UEPB-** Universidade Estadual da Paraíba
- UFPB-** Universidade Federal da Paraíba
- USP-** Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

CAPÍTULO I - O GRÃOZINHO – Lançando a semente.....	10
1.1.Definindo o tema e preparando o terreno para plantar reflexões	11
1.2.Identificando a terra e subsidiando a plantação: nossos passos teórico-metodológicos	12
1.3.Os agricultores e a lavoura	18
1.4.Mapeando o terreno e apontando os caminhos	21
CAPÍTULO II - O GRÃOZINHO – amadurecendo os frutos e percorrendo uma história	22
2.1. I Momento: Fase de criação.....	22
2.2.II Momento: Fase da vinculação ao curso de Pedagogia	41
CAPÍTULO III - O GRÃOZINHO – Uma nova florada: a instituição do laboratório de Ludicidade.....	52
3.1. Semeando educação e vivenciando novas práticas	52
3.2. Germinando saberes e colhendo conhecimentos: os projetos e o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
APÊNDICES	71
ANEXO.....	81

CAPÍTULO I

O GRÃOZINHO – Lançando a semente

O presente estudo pretende refletir sobre os momentos da criação da unidade federal de Educação Infantil “O Grãozinho”, no CCHSA/Campus III, entre os anos de 1980 a 2016. Ele nos permitiu discutir os aspectos históricos que lhe constituíram enquanto uma instituição de Educação Infantil e, *a posteriori*, Laboratório de Ensino do Curso de Pedagogia, em seus aspectos formais e não formais. Neste cenário, mapeamos os fatos que permearam a história da instituição, sua transição para Laboratório de Ensino e a mudança de sua identidade pedagógica.

Neste processo de múltiplas facetas intentamos, como nosso objetivo geral, discutir e historicizar o contexto de criação e institucionalização da Escola de Educação Infantil “O Grãozinho” como Laboratório de Ensino do Curso de Pedagogia, na perspectiva de montar algumas nuances de sua trajetória, desde sua fundação a sua fase atual. A escolha desta temática emerge ainda pelo desejo de compreender o contexto de transição de uma escola de ensino regular para a composição de um Laboratório de Ensino, local que sediou nosso trabalho em diversos estágios, como também o período de atuação como bolsista PIBID¹.

Diante disso, este trabalho monográfico traz os desdobramentos deste processo tentando desvendar as nuances que permeiam a necessidade de se ter uma instituição voltada para a Educação Infantil dentro de um campus universitário, e como ela se ressignifica para atuar como laboratório de ensino, voltado a formação/profissionalização dos pedagogos. Neste interstício, fazemos um breve passeio pelas instâncias legais que tematizam a existência de uma unidade de Educação Infantil dentro de um órgão federal. Com este passo inicial, passamos a refletir sobre a história de criação desta instituição, os sujeitos que dela participaram, as atividades desenvolvidas e o contexto que remonta aos seus primeiros anos de funcionamento. Com este itinerário traçado, apresentamos por fim a instituição do Laboratório de Ensino dentro deste espaço, discutindo algumas de suas práticas pedagógicas e a nova concepção adotada dentro do campo da ludicidade.

A partir desta configuração histórica, procuramos responder ao seguinte questionamento: Quais os registros e as memórias que narram a história da criação do Grãozinho? Como se deu o processo de transição desta instituição de escola para laboratório de ensino? Que nova identidade ele assume? Quais as novas propostas pedagógicas

¹ Bolsista do PIBID entre os anos de 2014 a 2016.

implementadas? Sinalizados por estas indagações, nosso percurso partiu da realização de entrevistas, sob os princípios da História Oral, como também a partir da análise de documentos históricos, fontes que nos auxiliaram a produzir uma versão desta história da instituição.

Por meio destes passos introdutórios convidamos o leitor a embarcar nesta narrativa, navegando pelas páginas que se seguem e pelas memórias que elas presentificam, plantando e semeando a história d’*O Grãozinho*.

1.1. Definindo o tema e preparando o terreno para plantar reflexões

Como aluna do curso de Pedagogia² tive o meu primeiro contato com a unidade quando cursava o terceiro período e ela já se encontrava assim, na configuração de laboratório de ensino. Esse momento só foi possível por meio das aulas do componente curricular ‘Fundamentos da Alfabetização’, ministrada pela Professora Mestre Jalmira Linhares Damasceno³. Nessas aulas, ouvi muitos relatos sobre a instituição enquanto escola, narrativas de como era seu funcionamento, suas práticas, o seu relacionamento com as crianças e estima pelos professores que ali atuavam. E assim foram nascendo os primeiros brotos e com eles os primeiros questionamentos e reflexões que me conduziram a tomar o Grãozinho como meu objeto de estudo.

O que também me impulsionou a pensar sobre a unidade foi a participação em um minicurso intitulado de “A infância e suas linguagens”, realizado no “V Encontro de Pedagogia: Docência: praticas educativas escolares”⁴ no ano de 2014, também ministrado também pela professora Jalmira Linhares Damasceno no ambiente d’O Grãozinho. Nesta ocasião, ela trouxe as memórias de Olga Maria Rocha Marques, que enquanto professora da instituição, carregava em sua fala o sentimento e carinho pelas vivências lá experimentadas, doses de lembranças que rememoram o trabalhar com o construtivismo⁵ e as dificuldades que

² Neste tópico conduzimos a escrita de nosso texto em primeira pessoa, por acreditar que a motivação partiu da minha experiência particular enquanto aluna do curso de Pedagogia e Bolsista PIBID da instituição.

³ Ao longo da minha graduação tive outros componentes com aulas ministradas n’O Grãozinho como: ‘Alfabetização’, ‘Arte e Educação’, ‘Didática’, ‘Pesquisa e Prática na Educação Infantil’ e ‘Literatura Infante Juvenil’, todos ministrados pela professora Jalmira Linhares Damasceno. A referida professora ministra aulas no Curso de Pedagogia na UFPB campus III e atualmente é coordenadora do Laboratório de ensino “Grãozinho”.

⁴ O V Encontro Regional de Pedagogia. Docência: Práticas Educativas Escolares foi realizado durante os dias de 18 a 20 de novembro de 2014. Aconteceu na UFPB, Campus III, Bananeiras-PB.

⁵ O construtivismo nasceu em 1980 no Brasil, como uma concepção que trata que todo conhecimento novo parte do que já se sabe anteriormente, ou seja, o novo conhecimento surge a partir do que já se conhecia.

passou para se adaptar a tal metodologia, juntamente com a saudade que sentia da sua última turma de jardim II.

Inicialmente fiquei maravilhada com aquele espaço, sua divisão, sua estrutura e a estima que senti ao entrar neste ambiente tão transformador, sendo este um dos princípios norteadores para tal trabalho. Neste mesmo ano, fui aprovada para ser bolsista do Programa de Institucionalização de Bolsas para Iniciação à Docência (PIBID) e então começou o fortalecimento dos laços com o laboratório, pois através desse projeto comecei a participar de formações mensais, de reuniões, de estudos coletivos e individuais, planejamentos e acompanhamentos proporcionados na instituição por três anos. Neste período pude ainda compreender o dia a dia da unidade, o desenvolvimento de suas atividades e a luta por seu reconhecimento perante a UFPB e ao MEC⁶.

Em participação em outro minicurso intitulado: “Desdobramento da Leitura de Imagem na Educação Infantil”, ministrado pela professora Clarissa Lopes Suzuki no projeto de extensão Polo Arte na Escola, no ano de 2014, tive meu olhar acadêmico sobre o ensino de artes para crianças mais aprofundado e refinado, modificando significativamente minha prática pedagógica. A partir de então pude perceber o quanto é formidável e gratificante incentivar as expressões artísticas nas relações de ensino e aprendizagem.

As aulas que tive n’O Grãozinho proporcionaram momentos e estudos de grande valia, eram aulas diferenciadas, de descoberta e de rica fonte de aprendizagem, me permitindo fazer a relação entre teoria e prática, dando consistência ao verdadeiro sentido da ‘prática educativa’. Ao manter esta relação de presença frequente neste espaço formativo, percebo o quanto foi e, é importante ter um ambiente destinado para esta finalidade em um curso de Pedagogia, e o quanto essa experiência me motivou para a escolha da temática do meu trabalho monográfico.

1.2. Identificando a terra e subsidiando a plantação: nossos passos teórico-metodológicos

A temática da existência de instituições de Educação Infantil em sistemas federais foi estudada por Raupp (2002, 2004). A autora busca discutir o período do surgimento destas unidades de Educação Infantil em sistemas federais, identificando que elas emergem na

⁶ A instituição busca pelo reconhecimento do MEC, como unidade de ensino para que retorne o funcionamento das aulas regulares como Unidade Escolar.

década de 1970 com os movimentos sociais comunitários, com os sindicatos e principalmente por parte da classe de mulheres trabalhadoras e feministas que reivindicam creches para os seus filhos em busca de melhores condições de trabalho⁷.

Conseqüentemente, foi associado a estas manifestações o direito de assistência à criança pequena e a necessidade de uma instituição infantil que amparasse os filhos das mulheres trabalhadoras em sua jornada de trabalho. É nesse contexto de reivindicações no Brasil que surgem as primeiras instituições de Educação Infantil nas universidades federais. Tais exigências são lideradas pelas mulheres trabalhadoras que reivindicam e lutam pelo direito a creches para crianças de 0 a 6 anos, atrelando sua luta aos movimentos sociais e aos movimentos feministas do país.

Como aponta Raupp (2004), ainda na década de 1970 foram inauguradas cinco unidades, sendo a primeira creche fundada em 1972 na Universidade do Rio Grande do Sul. Mas, é entre os anos de 1980 a 1992 que o número de creches passa a ser ainda mais expressivo, sendo este período marcado por significativas transformações com relação aos avanços da Educação Infantil geradas, principalmente, com a implantação do Decreto nº 93.408/86, que informa que os servidores das universidades federais, sendo eles homens ou mulheres, passam a ter direito a creche no local de trabalho. Neste período foram inauguradas cerca de quinze unidades de Educação Infantil. Dentre essas unidades se destaca *O Grãozinho*, criado em 19 de dezembro de 1980 na UFPB- Campus III.

O direito, regulamentado por tal Decreto, relata ainda que:

Dispõe sobre a instituição de creches e demais serviços de assistência pré-escolar, para os filhos de servidores dos órgãos e entidades da Administração Federal, e dá outras providências. Art. 1º Os órgãos e entidades da Administração Federal Direta e Indireta e as Fundações sob supervisão ministerial deverão adotar as providências que se fizerem necessárias para a instituição de Planos de Assistência Pré-Escolar, destinados aos filhos dos respectivos servidores, em caráter supletivo às obrigações de família.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de três meses a seis anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, instituições materno-infantis e jardins de infância.

Art. 3º Os planos assistenciais de que trata este Decreto terão por objetivo precípuo oferecer aos servidores, que não disponham de meios para deixar os filhos em segurança durante a jornada de trabalho, condições de atendimento pré-escolar que propiciem às crianças:

I - educação anterior ao 1º grau, com vistas ao desenvolvimento de sua personalidade e à sua integração ao ambiente social;

⁷ Nesse período, outras leis também vigoraram no intenso percurso de luta das mulheres trabalhadoras como: a Portaria nº 1, de 15/1/1969 (Parecer CNE/CEB nº: 17/2010), a Portaria nº 1, de 6/1/1971 (Parecer CNE/CEB nº: 17/2010), do Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho (DNSHT). Essas legislações tratam apenas do direito a mulher trabalhadora, com faixa etária entre 16 a 40 anos de idade, de amamentar seu filho no âmbito trabalhista, sem mencionar a existência da creche no trabalho.

- II - condições para crescerem saudáveis, mediante assistência médica, alimentação e recreação adequadas;
- III - proteção à saúde, através da utilização de métodos próprios de vigilância sanitária e profilaxia;
- IV - assistência afetiva, estímulos psicomotores e desenvolvimento de programas educativos específicos para cada faixa etária;
- V - condições para que se desenvolvam de acordo com suas características individuais, proporcionando-lhes ambiente favorável ao desenvolvimento da liberdade de expressão e da capacidade de pensar com independência. (Decreto nº 93.408/86)

Segundo este Decreto, o atendimento parte de assistência pré-escolar para crianças filhos/as de funcionários/as de até seis anos de idade. No entanto, quando amparados no Art. 205 da Constituição Federal de 1988, temos que “A educação, é direito de todos e dever do Estado e da família, e será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, [...]”. Sob esse embasamento legal as creches universitárias federais podem direcionar a Educação Infantil a todas as crianças, independentemente de ser filho/a de servidor/a ou não, desde que o município arque com a manutenção das mesmas. Princípio este também anunciado por Raupp (2004), quando enfatiza que as creches nas universidades iniciam-se com o objetivo básico de atender os filhos da comunidade em geral.

Esta regulamentação deixa de vigorar com o Decreto nº 977/ 93, expedido pela Secretaria da Administração Federal da Presidência da República, que determina a assistência pré-escolar reservada para os filhos e dependentes de funcionários públicos. Tal assistência pode ser ofertada através de creches próprias ou por intermédio do auxílio pré-escolar, caracterizado por ser uma ajuda paga mensalmente pelo órgão a quem o prestador de serviço trabalha ou a outra empresa a que se vincula. Diante disso, este último Decreto veta a criação de novas instituições educacionais infantis nas universidades federais, mas ressalta que as creches criadas neste momentos anteriores permanecem funcionando.

Atualmente, segundo Raupp (2004, p.202) em um número de 52 instituições federais, 19 instalaram 26 creches⁸, estando as 33 restantes sem possuir creches em suas instalações. Este fato acontece também devido a expansão das cidades e ao crescimento da população,

⁸ Dentre as 26 unidades de educação infantil Raupp (2002, p.45) menciona apenas 23. São elas: Creche e Pré-Escola no Campus II-UFPB; Creche Campus Samambaia-UFG; Laboratório de Desenvolvimento Infantil-UFV; Centro de Educação Pipa Encantada-UFPR; Creche Pingo de Mel-UFMG; Serviço de Educação Infantil do Hospital Universitário-UFSC; Núcleo de Desenvolvimento Infantil-UFA; Creche Comunitária Rosalda Paim-UFF; Creche da Universidade Federal Fluminense-UFF; Creche Escola Semente do Amanhã-UFLA; Escola Paulistana de Educação-UNIFESP; Núcleo de Desenvolvimento da Criança-UFC; Centro de Educação Infantil Flor do Campus-UFSC; Núcleo de Desenvolvimento Infantil-UFSC; Creche Francesca Zacaro-UFRGS; Centro de Educação Infantil Criarte- UFES; Núcleo de Educação Infantil-UFRN; Creche Escola do Campus I-UFPB; Creche Escola Ipê Amarelo- UFSM; Creche da Universidade Federal da Bahia-UFBA; Unidade de Atendimento a Criança UFSCAR. Não são citados pela autora neste contexto a Escola de Educação Infantil o Grãozinho no Campus III-UFPB e a Unidade Acadêmica de Educação Infantil-UFCG.

fatores que correspondem ao aumento de creches públicas e privadas, deixando de haver necessidade para criação de novos estabelecimentos educacionais infantis dentro das universidades.

Destas 26 creches sediadas em universidades, três se encontram funcionando no estado da Paraíba, como apontamos no quadro a seguir:

Quadro 1- Distribuição das unidades de Educação Infantil em sistemas federais na Paraíba, 2017⁹.

Universidade	Município	Unidade	Ano de fundação
UFCG	Campina Grande	Unidade Acadêmica de Educação Infantil (UAEI)	1978
UFPB - CAMPUS III	Bananeiras	Escola de Educação Infantil “O Grãozinho”	1980
UFPB - CAMPUS I	João Pessoa	Escola de Educação Básica	1988

Fonte: Quadro produzido pela autora com base nos dados fornecidos por Raupp (2004)

Destas três instituições citadas, apenas duas continuam funcionando com educação escolar, sediadas nas cidades de Campina Grande e João Pessoa, ambas reconhecidas pelo MEC.

A busca de reconhecimento d’O Grãozinho tem se dado inicialmente dentro do próprio Campus III, para a posterior ser processado pelo Ministério da Educação (MEC). Essa questão vem se prologando desde o ano de 2012, tendo suas aulas suspensas no ano de 2014. Isso se deu por que os professores efetivos se aposentaram e não se pôde abrir novas vagas para substitutos em decorrência da falta de destinação destes códigos de vaga por parte dos órgãos competentes, como os departamentos e o Centro Universitário. Com isso, a unidade deixa de funcionar como escola e passa a ser concebido como laboratório de ensino, voltado aos cursos de licenciaturas do Campus.

Amparando nossas discussões teoricamente, tivemos acesso ao trabalho de dissertação de Raupp (2002), “A Educação Infantil nas unidades federais: questões, dilemas e perspectivas”. Essa pesquisa faz um levantamento das unidades federais do Brasil, entre elas a instituição de educação básica da UFPB, Campus I. Outros trabalhos foram utilizados como referência, como as monografias de conclusão de curso de Moura (2013) e Silva (2015), que tomam o Grãozinho como seus objetos de estudo.

⁹Informações disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos: <www.ce.ufpb.br/ebas> e <http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria_imprensa/mostra_noticia.php?codigo=7782>. Acessados em 23/05/2017.

Nossa pesquisa é subsidiada ainda por procedimentos metodológicos de uma pesquisa histórica e documental, de cunho qualitativo. Composta ainda por um caráter descritivo que permeia através do registro e da observação descrições sobre as práticas educativas que substanciam o Grãozinho.

Por ter esse caráter histórico e documental, por trabalhar com acontecimentos que pertencem a história de uma determinada instituição, utilizamos como levantamento de dados fatos, registros e oralidades. Segundo Lakatos (2003, p.174), esse embasamento documental consiste:

[...] na coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.

As fontes documentais citadas nesta pesquisa partem do primeiro regimento instituído para o Grãozinho, datado de 1986, aos aspectos do seu trabalho como Laboratório de Ensino, por meio dos relatórios de atividade apresentados ao Departamento de Educação/CCHSA/UFPB. Tais documentações referentes a fase do Laboratório variam desde a implementação de um novo regimento em 2013 e a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) no triênio de 2013-2016 aos relatórios anuais e trimestrais das atividades desenvolvidas pela instituição. Desta forma, nossas fontes documentais estão organizadas no seguinte quadro:

Quadro 2 – Fontes Documentais

FONTES DOCUMENTAIS	ANO/PERÍODO
Regimento da Escola de Educação Infantil “O Grãozinho”	1986
Relatório das atividades da comissão de reestruturação do Laboratório de Ensino Grãozinho	2012 á 2013
Relatório das atividades do Laboratório de Ensino Grãozinho	Referente ao período de setembro a dezembro de 2013
Projeto Político Pedagógico	2013-2016
Normas de funcionamento da Unidade de Educação Infantil “O Grãozinho” – Laboratório de Ensino dos Cursos de graduação e pós-graduação da UFPB	2013
Relatório de atividades do Laboratório de Ensino	Referente ao período das atividades do ano de 2014

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017

A consulta destes documentos ocorreu no cruzamento com as informações obtidas nas entrevistas, estas que foram realizadas sob os princípios da História Oral. Pinsky (2008, p.187), indica que

[...] pode ser muito interessante comparar o que dizem as entrevistas com outros documentos de arquivo, pois às vezes há um deslocamento temporal ou de sentido que permite ao pesquisador verificar como a memória sobre o passado vai se constituindo no grupo.

Foi na interseção entre as narrações e os registros documentais que baseamos a trajetória metodológica deste trabalho. Para Delgado (2003, p. 23), “a história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”. Este tipo de metodologia é explorado por pesquisas que permitem aos sujeitos trazer à tona a análise de relatos de momentos que presenciaram ou vivenciaram, perpassados de elementos advindos da memória.

Destacamos ainda o ouvir e as sensações passadas quando são presentificadas pelas lembranças. Tais percepções, tomadas pelo tempo e pelo espaço, são trazidas a tona pelo soar das palavras, promovendo a constituição de uma história. Estar atenta a essas nuances foi de fundamental importância para historicizar o Grãozinho e suas diversas temporalidades, principalmente no que concerne aos seus primeiros anos de fundação, onde poucas foram as fontes documentais encontradas. Conforme aborda Delgado (2003),

O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidade, processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro. (DELGADO, 2003, p. 10).

Manejar a história oral como percurso metodológico é propiciar o encontro de fatos já vividos com a história pesquisada, estudada, analisada, e que por fim aparece relatada neste trabalho monográfico. Neste contexto, a entrevista é mais do que uma técnica, ou mera formalidade. Pegando de empréstimo o que define Pinsky (2008, p.169) é necessário:

Tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias - as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem desencadear ao construir o passado de uma forma e não de outra. A entrevista de História oral deve ser compreendida também como documento de cunho biográfico, do mesmo gênero de memórias, autobiografias, diários e outros documentos pessoais.

Este caminho nos leva a várias possibilidades de se refletir o Grãozinho, levando-nos a estar atentos a gestos, ações, emoções, pausas e falas... ao respirar mais profundo e aos sinais que expressam os sentimentos do sujeito participante desta história. Para compor nossa reflexão nos orientamos ainda pelo que sinaliza Delgado (2003, p. 22), quando aponta que

A comunidade acadêmica, preocupada com a transmissão das heranças do passado que possam servir como esteios para o futuro, tem buscado criar alternativas para que o registro da fala de narradores, anônimos ou não, possa funcionar como um dos elos entre o que passou e o que ficou, possa se transformar no olhar do tempo presente sobre as experiências do tempo ido, mas não mais perdido. A narrativa contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória. Os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios análises, emoções, reflexões, testemunhos.

Sob este olhar orientado dentro dos princípios da história oral, realizamos seis entrevistas para subsidiar a pesquisa, sendo todas marcadas com antecedência e em local sugerido pelo entrevistado. Serão sobre elas que nos deteremos a seguir.

1.3. Os agricultores e a lavoura

Pinsky (2008) anuncia que a história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a "histórias dentro da história". Dessa forma, se amplia as possibilidades de interpretação do passado. Assim,

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a intervenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisas, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido. (PINSKY, 2008, p.155)

Dentro deste contexto, como acontece no campo das entrevistas, um termo de consentimento foi elaborado¹⁰ e assinado por todos os participantes. Como se trata de uma pesquisa histórica, em comum acordo com os colaboradores desta pesquisa resolvemos manter as suas identidades visíveis, uma vez que se trata de sujeitos conhecidos na comunidade acadêmica do Campus.

¹⁰ Conforme consta em apêndice, na página 71.

Norteados por esta perspectiva, realizamos seis entrevistas semiestruturadas¹¹, baseadas em roteiros específicos, uma vez que os colaboradores que compõe esta pesquisa atuaram de forma diversificada na instituição, alguns deles mais especificamente na criação do que no funcionamento de suas atividades, sejam elas atribuídas ao regime escolar ou já enquanto Laboratório de Ensino e de Ludicidade.

Quadro 3- Os sujeitos entrevistados

SUJEITOS	FORMAÇÃO	FUNÇÕES QUE DESEMPENHAVAM NA INSTITUIÇÃO
Alfrio Trindade Leite	Administrador	Diretor do Centro de Formação de Tecnólogos durante os anos de 1977 a 1985. Criador da unidade
Oséias de Almeida Neto	Zootecnia e licenciatura em Ciências Agrícolas	Professor do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros e membro da equipe fundadora do Grãozinho
Luzia Zilda de Andrade e Silva	Pedagoga	Professora do Grãozinho durante o período de 1981 a 1990
Maria do Socorro Ferreira Frazão	Pedagoga	Gestora e coordenadora do Grãozinho durante o período 1981 a 1996
Olga Maria Rocha Marques	Pedagoga	Professora do Grãozinho durante o período de 1997 a 2015
Jalmira Linhares Damasceno	Pedagoga, formada também em Artes Cênicas	Atual Coordenadora do Laboratório de Ensino

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017

A primeira entrevista realizada foi com a gestora da instituição, a professora Maria do Socorro Ferreira Frazão. Ela foi a primeira diretora d'O Grãozinho e atualmente administra a sua própria instituição escolar, o Colégio Santa Vitória, localizado na cidade de Bananeiras. No auge dos seus 67 anos de idade ainda permanece atuando na área.

A professora Luzia Zilda de Andrade Silva fez parte do corpo docente da instituição, sendo uma das três primeiras professoras d'O Grãozinho. Atualmente com 73 anos de idade está aposentada, se demonstrando detentora de uma memória rica e ativa. Ao trazer suas lembranças sobre a escola e, principalmente, sobre a sua vivência com os alunos se emocionou, demonstrando o amor e a saudade dos tempos em que lecionava na instituição.

O professor Oséias de Almeida Neto fazia parte da equipe de criação d'O Grãozinho. Reside atualmente em Bananeiras e se encontra com 70 anos de idade. Em vários momentos da entrevista que realizamos com ele se emocionou, por recordar do período em que seus

¹¹Confira os roteiros das entrevistas no apêndice 2 deste trabalho.

filhos estudaram n'O Grãozinho e do quanto eles gostavam daquele espaço. Segundo ele, o nome da instituição foi fruto de uma criação sua.

O antigo diretor do Centro de Formação de Tecnólogos (CFT), atual Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA), esteve no nosso rol de entrevistados. O professor Alírio Trindade Leite, atualmente com 72 anos, apontava a satisfação de participar desta pesquisa, por poder rememorar suas lembranças acadêmicas e driblar o esquecimento das experiências que vivera na condição de diretor do Centro.

Outro protagonista da nossa investigação foi a professora Olga Maria Rocha Marques. Por estar viajando no período da coleta de dados, teve seu relato registrado pelo aplicativo de celular "WhatsApp", nos desafiando a encontrar novos meios de ter acesso às suas memórias. Aos seus 56 anos de idade, reside na cidade de Solânea e revela que começou a atuar na unidade de ensino no ano de 1997. Ela relembra as dificuldades que passou para se adaptar à nova metodologia implantada pela comissão de reestruturação em 2011, pautada na **concepção** construtivista.

E por fim realizamos nossa última entrevista com a atual gestora d'O Grãozinho, agora Laboratório de Ensino, a professora Jalmira Linhares Damasceno. Hoje com 48 anos, a professora reside em Bananeiras e integra o corpo docente do Curso de Pedagogia do Campus III da UFPB. Membro da equipe de reestruturação, ela esteve presente em todo o processo de transição que vivenciou a unidade, principalmente no que se refere à integração da escola para Laboratório de Ensino.

A experiência de poder entrevistar esses agricultores, colaboradores partícipes da história da instituição, foi única e partiu de diversas escolhas. Era preciso criar uma história para a fundação da instituição, por isso procuramos remontar estes fatos a partir das memórias daqueles que traremos ao longo deste texto citados pelos sobrenomes: Leite (2017), Almeida Neto (2017), Silva (2017) e Frazão (2017). Para discutir o processo de transição pelo qual vivenciou o Grãozinho e constituir parte de sua história na atual condição de Laboratório de Ensino contamos com os relatos de Marques (2017) e Damasceno (2017). Outros sujeitos foram consultados para compor esta investigação, mas por motivos outros não puderam e/ou não quiseram nos ceder entrevistas.

Narrar essas memórias e trazê-las como depoimentos foi para nós um momento de muita aprendizagem e intenso desafio, por estarmos lidando com emoções, com pontos de vistas que marcam uma história, mas também rememoram lutas e difíceis caminhos. Nesse contexto, pudemos perceber pessoas se emocionando, dispostas a dialogar e a reviver suas lembranças, nos permitindo adentrar num campo que não é o nosso, de vivenciarmos

acontecimentos sem que estivéssemos lá presentes. E por esse “passe ao passado” delas, facetas de uma história que constitui a identidade d’O Grãozinho, agradecemos a estes agricultores a participação em nosso trabalho.

1.4. Mapeando o terreno e apontando os caminhos

Pensando a instituição enquanto uma lavoura e seus sujeitos enquanto agricultores que semeiam, pensamos em fazer uma analogia ao próprio nome que intitula a instituição – o Grãozinho. Seu nome parte da configuração da própria criança, que é levada no decorrer de sua vida educacional a crescer como uma planta, sendo regada pelos saberes transmitidos/construídos ao longo do seu percurso educativo. Carregado de outros sentidos, o termo ‘Grãozinho’ também traz consigo a identidade do próprio Campus que o abriga, expressamente demarcado pelas ciências agrárias.

Por ser considerado um campus voltado para esta finalidade, lançar as sementes dentro de um espaço formativo é buscar ver a criança se desenvolvendo como um broto, regada por conhecimentos que lhes geraram novos frutos. Desta forma também desenhamos a estrutura de nosso trabalho, pensando as fases que assume a instituição como momentos de desenvolvimento de um grão à planta.

O primeiro capítulo, intitulado como “**O GRÃOZINHO – lançando a semente**” busca apontar os passos introdutórios da pesquisa, apresentando como surgiu nossa motivação, o cenário da pesquisa, a trajetória teórica metodológica e os agricultores que auxiliaram a semear o delineamento de nossa pesquisa.

O segundo capítulo, denominado “**O GRÃOZINHO – amadurecendo os frutos e percorrendo uma história**”, objetiva remontar a trajetória histórica da instituição, desde seu momento inicial, com a sua fase de criação ao seu momento atual, enquanto Laboratório de Ensino. O recontar dessas múltiplas facetas históricas da instituição norteia a discussão deste item. Já o terceiro e último capítulo – “**O GRÃOZINHO – Uma nova florada: a instituição do laboratório de Ludicidade**” – se dedica a discutir a fase atual em que se encontra a instituição e as práticas educativas lá desenvolvidas a partir da noção de uma educação estética e artística.

É neste percurso traçado que convidamos o leitor a se debruçar sobre a leitura deste texto, que narra a história de uma instituição de Educação Infantil que “semeia história, germina educação e colhe arte”.

CAPÍTULO II
O GRÃOZINHO – amadurecendo os frutos e percorrendo uma história

No contexto marcado pela necessidade de se criar uma unidade de Educação Infantil com o compromisso de atender filhos dos servidores e docentes do CCHSA foi que surgiu o Grãozinho, em um campus voltado para as ciências agrárias na cidade de Bananeiras-PB. Neste viés, este capítulo busca percorrer pela oralidade e pelos registros documentais a trajetória histórica da instituição, substanciando seus passos pelo seu processo de criação, e também transição e atual situação, revelando seus atores, suas atribuições e atividades, caminhos marcados por dificuldades e por memórias recheadas de lembranças e práticas.

2.1. I Momento: Fase de criação

A Escola de Educação Infantil “O Grãozinho”, foi um estabelecimento mantido pelo campus universitário e integrado ao mesmo, por atender aos filhos de funcionários e professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - Campus III, com sede no município de Bananeiras. Foi fundado em 19 de dezembro de 1980, em reunião realizada pelo Conselho do Centro de Formação de Tecnólogos (CFT), na época assim destinado o hoje Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA).

A instituição funcionou em um prédio de pequeno porte, situado por trás do Auditório do CCHSA tendo ao lado uma residência masculina de professores e uma residência masculina composta por alunos do curso de graduação. Apresentando em sua estrutura física interna e externa os seguintes aspectos mostrados no quadro abaixo:

Quadro 4– Estrutura física da Escola de Educação Infantil o Grãozinho¹²

Estrutura física d'O Grãozinho	Quantidade
Sala de aula	2
Sala de brinquedos	1
Sala de multimídias	1
Sala de leitura	1
Sala de professores e coordenação pedagógica	1
Cozinha	1
Área de lazer	1
Banheiro adulto	1
Banheiro infantil	1
Hall de entrada	1
Almoxarifado	1
Sala de secretaria e direção	1

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017.

¹² Dados retirados do Projeto Político Pedagógico da Unidade de Educação Infantil “O Grãozinho” e correspondem ao triênio 2013-2016.

Em nossas pesquisas observamos que a estrutura física da escola passou por algumas mudanças ao longo dos anos e sobre este item nos dedicaremos no terceiro e último capítulo deste trabalho. Notamos ainda que inicialmente a escola atendia com três salas de aula, uma delas deixaria de funcionar no ano de 2013 devido a sua estrutura física que não estava mais adequada para atender a turma do **Ensino Fundamental**. Neste contexto, a escola passaria a funcionar apenas com a turma do Pré I e Pré II.



Imagem 1- Foto da parte frontal da Instituição, 1996.
Fonte: Acervo d' O Grãozinho.



Imagem 2: Foto da área frontal da Instituição, 2016.
Fonte: Acervo da pesquisadora

Nestas imagens percebemos que a fachada da instituição passou por pequenas mudanças, estas que não alteraram sua infraestrutura. A construção da rampa situada na frente do prédio se deu para viabilizar o acesso de **pessoas com deficiência física**. Na área externa, a mudança da área do 'Playground' ocorre com a retirada do parque. Atualmente se busca a

organização desta área a partir da produção de espaços e brinquedos elaborados com materiais recicláveis.

O quadro de funcionários do ano de 1981, trazido abaixo, demonstra um número de profissionais restrito, não se tinha auxiliar de sala e a instituição contava apenas com um auxiliar de limpeza e um profissional responsável pela cozinha. No que corresponde a coordenação e a orientação pedagógica eram cargos exercidos por uma única professora - Maria do Socorro Ferreira Frazão – resultando no acúmulo de atribuições.

Quadro 5: Professores que compuseram a equipe pioneira do Grãozinho em 1981.

PROFESSOR	FORMAÇÃO	FUNÇÕES QUE DESEMPENHAVAM NA INSTITUIÇÃO
Maria do Socorro Ferreira Frazão	Pedagoga	Coordenadora e orientadora pedagógica de 1981 á 1996
Luzia Zilda de Andrade e Silva	Pedagoga	Professora de 1981 á 1990
Maria do Livramento Rodrigues da Silva	Magistério	Professora de 1982 a +ou – 1990
Maria do Socorro Melo	Magistério	Professora de 1981 a +ou -1996

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017

Sobre a criação da instituição Silva (2015, p.13), em pesquisas realizadas para o desenvolvimento de seu trabalho de conclusão de curso, a “[...] unidade surgiu no Campus III, com a finalidade de atender as necessidades de pais e mães trabalhadores da instituição, por não terem na época um lugar para deixar seus filhos de 4 a 5 anos de idade”. Neste período, Alírio Trindade era o diretor do CFT, tendo sua gestão acontecido entre os anos de 1977 a 1985. Ainda neste contexto, era diretora do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN) a professora Glória de Lourdes G. de Almeida, a primeira mulher a dirigir a instituição.

Como fundador da instituição, **Alírio Trindade Leite** (2017) traz memórias significativas sobre o surgimento d’O Grãozinho, quando anuncia que ele “foi criado em 1980 pela necessidade de dar escolaridade aos filhos de funcionários e professores, estes que atuavam no campus da UFPB, aqui em Bananeiras” (**ALÍRIO TRINDADE LEITE**, 2017). Os pedidos dos próprios servidores, segundo Leite, foi que o moveu a criar a instituição, uma vez que “havia certa deficiência na formação dos filhos e inclusive no deslocamento para Bananeiras e Solânea” (**ALÍRIO TRINDADE LEITE**, 2017). Ao que corresponde a esta deficiência, está a ausência na época de 1980 de escolas que atendessem a faixa etária de três a seis anos de idade na cidade de Bananeiras, as que atendiam esta modalidade de ensino se situavam muito distante o que dificultava o acesso e a permanência das crianças nesses locais.

Para a regulamentação da escola havia sido elaborado um regimento interno datado de 31 de julho de 1986¹³. Após sua aprovação pelo Conselho Estadual de Educação, o mesmo tinha a finalidade de regulamentar a organização administrativa, didática e disciplinar da instituição, conforme o que cita parágrafo único do Art. 2º da Lei Federal 5.692 de 11 de agosto de 1971. Nele está exposto todas as ações e características institucionais da escola.

Parágrafo único. A organização administrativa, didática e disciplinar de cada estabelecimento do ensino será regulada no respectivo regimento, a ser aprovado pelo órgão próprio do sistema, com observância de normas fixadas pelo respectivo Conselho de Educação. (LEI FEDERAL nº. 5.692, Art.2º, Parágrafo Único)

O Regimento está organizado em títulos que são divididos em capítulos e sessões que visam apresentar desde a identificação da instituição a denominação, natureza, sede, aspectos legais e os seus objetivos institucionais. No segundo título temos que a descrição de como se dava a organização administrativa da instituição, que estava estruturada em: diretoria, coordenadoria, serviços administrativos, secretaria, setor financeiro, órgãos colegiados, conselho de administração, congregação de professores e o conselho de classe. Pelo quadro de funcionários de 1981, citado anteriormente, temos uma organização diferente de funcionários, por sinal com número bastante restrito. O que nos levou a indagar se o que havia no regimento contemplava realmente o que se vivia na instituição.

Ainda no terceiro título deste documento temos a descrição do apoio técnico e pedagógico, que se dava pela divisão de atividades entre a orientação pedagógica, a orientação educacional e a utilização da biblioteca. Como instituições auxiliares existiam o Centro Cívico e Associação de Pais e Mestres, que possuíam descrições definidas no quarto capítulo do regimento. Nos itens que seguem temos a apresentação de como era regulado a estrutura e o funcionamento da instituição, contemplando desde a organização didática do ensino pré-escolar e do Ensino Fundamental nas séries iniciais, aos currículos e programas (que definiam o regime escolar, as normatizações sobre matrícula e transferência, avaliação escolar, rendimento escolar, frequência e recuperação. No sétimo título e oitavo título estão os recursos e o regime disciplinar, enquanto o nono e décimo título abordam o patrimônio pertencente a escola e as disposições finais.

Apesar da unidade ser regida por tal regulamentação interna, ela não possuía registro reconhecido **pelos mecanismos legais**, e por este motivo nunca existiu perante os órgãos

¹³ O Regimento da Escola de Educação Infantil o Grãozinho de 1986 está disponível no repositório digital HEB - História da Educação do Município de Bananeiras, que pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: < www.cchsa.ufpb.br/heb>

representativos da educação no país. Datado de 1986, o regimento deixou de nortear durante 5 anos as atividades desenvolvidas na instituição, nos levando a indagar como eram orientadas as suas ações e práticas escolares. Sobre este fato, [Maria do Socorro Ferreira Frazão \(2017\)](#) menciona que existia um outro documento que normatizava a unidade, mas que não o possuía mais, e rememora que o regulamento de 1986 só foi elaborado decorrente da implantação do 1º grau na escola, e aponta que:

Porque quando eu procurei resgatar já tinha desaparecido muita coisa da parte de arquivo, mas eu tenho a impressão que tinha, ou melhor lhe dizendo quando houve a mudança com a implantação do primeiro ano do 1ª grau, a alfabetização, foi que verificamos que a escola tinha que ser regulamentada. Pra você ter a formação básica ela tem que ser regulamentada, ela não podia funcionar sem nenhuma regulamentação, inclusive sem a autorização do Conselho Estadual de Educação. Foi quando eu levei para o diretor da escola toda a documentação necessária e esbarrou aí. Então não saiu por conta de toda a documentação que precisava pra que fosse registrada a escola, que fosse autorizada pelo Conselho e no ano seguinte já não funcionou mais no primeiro ano do ensino regular. ([MARIA DO SOCORRO FERREIRA FRAZÃO, 2017](#))

Nesta citação, a professora narra que houve a tentativa de tornar o Grãozinho uma unidade de ensino regularizada perante o Conselho Estadual de Educação, inclusive para que houvesse a oferta de **educação** básica. Este momento se tornou possível quando a alfabetização passou a ser denominada de primeiro ano, é quando surge o desejo de construir um documento próprio do estabelecimento de ensino, mas este pedido de autorização de funcionamento foi negado pelo Conselho devido a ausência da documentação exigida. Mesmo assim, a unidade continuou exercendo suas atribuições.

Em entrevista com o professor [Alírio Trindade Leite \(2017\)](#) observamos que, antes de ser uma escola, o prédio que hoje é o Grãozinho funcionava com outra finalidade, como um ambiente de artesanato, com o foco de integrar a unidade institucional ao meio rural. Nesse sentido ele cita que:

Funcionava como acervo de artesanato, que existia a muitos anos para qualificar na área de artesanato as mulheres do meio rural. A finalidade era de integrar a instituição ao meio rural. Já que era uma atividade agrícola trazer também as mulheres dos agricultores. ([ALÍRIO TRINDADE LEITE, 2017](#))

Reconhecido historicamente por desenvolver atividades voltadas para a área das ciências agrárias, o Campus dedicou durante certo tempo, o prédio d'O Grãozinho para os trabalhos realizados com agricultores do município de Bananeiras, possibilitando o curso de

artesanato para as mulheres camponesas. A ideia era capacitar e aprimorar as técnicas artesanais, gerando uma renda extra para estas famílias.

Ainda neste contexto, outros cursos foram surgindo. De acordo com o colaborador Oséias de Almeida Neto, na instituição desenvolvia-se também atividades de puericultura e economia doméstica, esta última era “abordada como um Curso preparatório técnico profissionalizante, que tinha suas atividades realizadas no Colégio Agrícola Vidal de Negreiros em Bananeiras/PB” (SANTOS, 2014, p.52). Este curso tinha por finalidade capacitar mulheres nas atividades de corte e costura, com a fabricação de enxovais, o que acabava por incentivar o gosto pelas atividades do lar. Santos (2014, p. 52) narra ainda que o curso surge “[...]na gestão do diretor Astolfo Ribeiro Pinto Bandeira, o qual teve seu mandato de 1947 a 1955, trazendo vários benefícios para o colégio, como a construção do Posto de Puericultura e do Centro de Economia Rural [...].

Ainda sobre o funcionamento deste Curso de Economia Doméstica, Oséias de Almeida Neto (2017) relata que,

O prédio onde foi instalado a escolinha tinha lá alojado um curso de economia doméstica. Mas muito antes esse prédio pertencia ao Colégio Agrícola, melhor dizendo ele tinha uma atividade lá de puericultura. Era antes uma atividade de assistência as crianças e por capricho do destino esse mesmo prédio passou a abrigar e sediar o Grãozinho, ou seja, não houve desvio de finalidade.

Desta forma, percebemos que o prédio sempre possuiu uma finalidade educativa, atendendo a comunidade em geral. Enquanto escola, seu surgimento só se deu após reunião com o Conselho do Centro de Formação de Tecnólogos (CFT):

O próprio Conselho de Centro era formado pelo diretor Doutor Alírio Trindade Leite, pelo vice-diretor Vital de Almeida Santa Cruz, pelos os coordenadores de curso (eu posso lhe adiantar que era Sebastião Diniz, pela diretora do colégio que era a professora Glória Guimarães minha esposa, por Antônio Carlos Ferreira de Melo (e outros que a mente agora não me ajuda). (OSÉIAS DE ALMEIDA NETO, 2017)

Na pauta da reunião constava a possibilidade de se criar uma instituição de Educação Infantil, haja vista que a cidade de Bananeiras não dispunha, na época, de instituições que atendessem a faixa etária de 3 a 6 anos. Devido a isso, os funcionários e professores do campus III necessitavam de um local para deixar seus filhos enquanto trabalhavam, surgindo então a necessidade de se criar a unidade de ensino que inicialmente atenderia os filhos dos funcionários e professores da universidade.

No Regimento d'O Grãozinho consta que no Art. 8ª a diretoria da unidade de ensino teria que ser administrada pelo diretor do CFT e que competia a ele as seguintes funções:

I-cumprir e fazer cumprir as leis do ensino e as determinações deste regimento; II- representar oficialmente o estabelecimento e empenhar-se na defesa de seus interesses; III- movimentar contas bancárias do estabelecimento; IV- assinar documentos e papéis escolares; V- aplicar penalidades disciplinares segundo a legislação em vigor e as normas deste regimento; VI- aprovar escala de férias dos servidores do estabelecimento; VII- baixar portarias, ordens de serviço e outros expedientes complementares às normas deste regimento. (REGIMENTO, Título II, Cap. I, art. 8º, 1986)

Inicialmente a escola contava com a coordenadora Maria do Socorro Ferreira Frazão e duas professoras a Maria do Socorro Melo e Luzia Zilda de Andrade. Após dois anos a escola recebeu uma nova professora, Maria do Livramento Rodrigues da Silva (também conhecida por Lili), crescendo seu quadro docente. No entanto, competia ao diretor do Centro a gestão do Grãozinho, representando e definindo as ações e atividades desenvolvidas na escola.

No decurso de sua história, também exerceu a coordenação d'O Grãozinho os seguintes profissionais:

Quadro 6- Professores que atuaram e que ainda atua na coordenação pedagógica d'O Grãozinho.

PROFESSOR/A	FORMAÇÃO	FUNÇÃO QUE DESEMPENHAVA OU DESEMPENHA NA INSTITUIÇÃO	ANO
Maria do Socorro Ferreira Frazão	Pedagoga	Ex-Coordenadora	1981
Maria do Livramento Rodrigues da Silva	Magistério	Ex-Coordenadora	1997
Jadsa Maria Bezerra França	Magistério	Ex-Coordenadora	+ou- 2000
Saimonton Tinôco da Silva¹⁴	Pedagogia	Ex-Coordenador	2013
Jalmira Linhares Damasceno	Pedagogia e Artes Cénicas	Atual Coordenadora	2013

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017

O regimento de 1986 atribuía ao coordenador o auxílio dos trabalhos e das atividades administrativas realizadas pelo diretor, participando também da construção do plano escolar. Ele ainda deveria estar apto para substituir o diretor em sua ausência, cuidando para que se

¹⁴ Dado retirado da Proposta Pedagógica do Grãozinho de 2013. Ainda neste mesmo ano Jalmira Linhares Damasceno também assume o cargo da coordenação, tendo em vista, o afastamento de Saimonton Tinôco da Silva para o doutorado.

cumprissem os prazos estabelecidos para elaboração e entrega de relatórios, como os demonstrativos financeiros de pagamento das obrigações tributárias e previdenciárias dos funcionários. Para o cumprimento das ações pedagógicas se fazia necessário a formação da congregação de professores, que era liderada pelo coordenador pedagógico e formada por todos os professores, realizando reuniões no início e no fim de cada semestre. Como mostra a Seção II do art.25, tal coordenação ainda tinha a finalidade de promover o intercâmbio de experiências entre os docentes e o aperfeiçoamento do desempenho de suas funções:

I-encontrar soluções para casos de natureza didática, pedagógica e disciplinar, quando estes se referiram a alunos ou quando tenham repercussão na aprendizagem; II-aprovar regimentos de Centro Cívico, da Associação de Pais e Mestres e demais instituições que forem criadas na Escola; III-apresentar sugestões à Coordenação Pedagógica para a elaboração do Currículo Pleno e do Calendário Escolar; IV-apreciar e julgar os programas de ensino. (REGIMENTO, Título II, Seção II, art. 28º, 1986)

Infelizmente, até o término desta pesquisa não conseguimos ter acesso a nenhuma documentação ou dado, referente ao Centro Cívico e a Associação de pais e mestres. Tal fator corresponde ao que assinala Raupp (2004, p.204) que “as unidades alternativas se caracterizavam pela manutenção de associações de pais, fundações universitárias ou municipais, associações de funcionários da universidade”. O que nós sabemos é que de acordo com os relatos eram realizadas reuniões bimestrais com os pais e que se tinha muito apressamento e respeito para com as atividades cívicas e as datas comemorativas¹⁵.

A respeito da contratação dos docentes e funcionários, “[...] antes da constituição de 88, à universidade fazia a sua própria seleção interna, a entrada não foi com concurso público, mas era uma seleção interna própria Colégio Agrícola Vidal de Negreiros” (ALÍRIO TRINDADE LEITE, 2017). Este relato corrobora com o que ressalta Maria do Socorro Ferreira Frazão (2017) quando narra que tal contratação

Se dava por indicação. Eu fui por indicação, assim como as outras professoras. Então quando surgiu a ideia de criar uma escola para atender essa faixa de idade de três a seis anos, eu fui indicada para a coordenação e as outras professoras para assumir a função de professora. Apesar de não ter a formação na época. Não tenho curso de Pedagogia, porém tinha a formação no magistério e experiência no ensino. E a escolha foi acertada, foi!

Esse fator de compor o quadro de funcionários a partir do sistema de indicação é sugerido no Regimento interno (1986, Art.52) da instituição, que em seu título I – sobre o corpo docente – informa no que “os professores serão contratados pelo regime de

¹⁵ Como mostra as fotos que estão em anexo, na página 81.

consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), após uma seleção de critério do Departamento competente.” Tal critério era consolidado pela experiência no magistério e pela indicação de uma pessoa que carregasse esta caracterização.

Neste período foi vivenciado, segundo **Maria do Socorro Ferreira Frazão** (2017), um curso de capacitação em Recife, na Escola Stela Maris, tendo em vista a falta de formação superior das docentes. A coordenadora da instituição por iniciativa própria junto com as docentes buscaram desenvolver as aptidões em gestão e organização de uma unidade de Educação Infantil, buscando formação numa escola pernambucana, na época reconhecida pelo seu trabalho na Educação Infantil.

[...], tivemos uma formação inicial no Recife na escola “Stela Maris” em Vale de Casa Forte. Eu tinha uma irmã que morava lá e os filhos estudavam nessa escola. Era uma escola bastante reconhecida no trabalho educacional, e, abriu a luz para gente. Passamos uma semana nessa escola. Foi no início do ano e o diretor ajudou com as passagens. Nós ficamos hospedadas na casa de minha irmã e aí nós fizemos esse curso, foi quando abriu todos os horizontes, né. Nós entendemos o funcionamento de uma escola de Educação Infantil nessa faixa de idade. Depois disso não houve nenhuma formação. (**MARIA DO SOCORRO FERREIRA FRAZÃO, 2017**)

Apesar de se constituir como uma escola federal de Educação Infantil, o Grãozinho não adquiria tal status. Suas professoras não possuíam experiência com crianças e a universidade não lhes proporcionava nenhum tipo de formação. Acreditamos que um dos fatores que justificam tal ação é que o Curso de Pedagogia existente no CCHSA só viria a ser implantado décadas depois, em 2006. Esse fator poderia impossibilitar a formação docente no local, gerando a necessidade de deslocamento das docentes.

Com o passar dos anos as mesmas realizaram estudos individualizados, e ressaltaram a dificuldade na busca de referências correspondentes a formação na área. Neste contexto buscavam auxílio e escreviam cartas para o Ministério de Educação e para editoras de livros e revistas, com vistas a encontrar subsídios e conhecimentos teóricos que sanassem suas dúvidas com as especificidades que englobavam a Educação Infantil. Com esta visão **Maria do Socorro Ferreira Frazão** recorda que fazia:

[...] a formação individualizada, por que nós tínhamos um turno dedicado ao planejamento das aulas, a preparação do material e ao estudo sempre que a gente conseguia revista. Era meio difícil revista! Nós consultávamos mais livros. Eu escrevia para as editoras, mandava carta solicitando material que atendessem a Educação Infantil. E isso nos servia de material de pesquisa. Pesquisávamos, estudávamos, olhávamos né. (**MARIA DO SOCORRO FERREIRA FRAZÃO, 2017**)

Ações individualizadas geradas pela necessidade de se manter a instituição eram as ocasiões de formação das professoras que no Grãozinho atuavam. O acompanhamento pedagógico era realizado pela própria coordenadora, que revela que “toda a coordenação era dada por mim, toda a orientação pedagógica, eu fazia com as professoras, nós estudávamos”. Nas entrelinhas intuímos que o trabalho era solitário, garantido apenas pela equipe que atuava na instituição. Na visão de Raupp (2002, p.53) a formação dos profissionais da Educação Infantil

[...] Demonstra, por um lado, uma formação favorável do ponto de vista da Educação Infantil em geral, contudo, dada a complexidade e a amplitude das tarefas que se está a exigir dos professores, tanto na educação e cuidar das crianças, como nos espaços de formação acadêmica, de pesquisa e de socialização do conhecimento, fica patente a certeza de que essa formação necessita permanente ampliação e aprofundamento.

A partir do que aponta a citação, sob o processo formativo, observamos que a formação dos profissionais que compuseram o corpo docente efetivo¹⁶ da escola no ano de 1981 correspondia a duas professoras no nível do magistério e uma professora e a coordenadora graduadas em Pedagogia.

Ao compararmos o nível de formação dos profissionais da escola Grãozinho com outras unidades assim como, a Escola de Educação Básica da UFPB do Campus I que segundo dados colhidos no ano 2000 por Raupp (2002, p.45) que demonstra em sua pesquisa que todos os profissionais desta instituição são professores capacitados com o I e II grau¹⁷ da graduação. Visivelmente vimos que ao longo dos anos está tendo uma preocupação para com estes profissionais da educação em termos de qualificação. Acreditamos também que esta preocupação se tornou mais evidente por que a unidade situada no Campus I, foi reconhecida legalmente, fato que não constatamos com relação ao Grãozinho. Na busca de reconhecimento frisamos em entrelinhas a gênese de sua denominação.

Sobre a origem do nome o ‘Grãozinho’ eis que surgem múltiplos olhares, alguns que queriam de certa forma integrar o nome da instituição ao campus universitário agrário e rural, outros associando a própria formação da criança enquanto sujeito, ainda em fase de afloramento. Na visão de **Maria do Socorro Ferreira Frazão**, o nome da escola deve-se ao encontro com o que se esperava da Educação Infantil, nível da educação básica extremamente novo na época:

¹⁶ Consultar quadro 5 os professores que compuseram a equipe pioneira d'O Grãozinho em 1981, p. 24.

¹⁷ Esta nomenclatura é utilizada por Raupp (2002, p.45)

Sobre o nome d'O Grãozinho foi o seguinte: recebi um material do Ministério de Educação sobre as Diretrizes Básicas da Educação, quando estávamos estudando as diretrizes básicas nacionais ligadas ao ensino fundamental e a Educação Infantil. Foi neste livro que pela primeira vez eu escutei a terminologia 'Educação Infantil'. E para compreender o que era Educação Infantil, o que se entendia na época como creche (e hoje já existe uma separação entre creche e a Educação Infantil né? A creche já é de 0 aos 3 anos e a Educação Infantil é de 4 a 6 anos). O ensino fundamental compreendia tudo, era a partir dos 6 anos, era tudo Educação Infantil. [...] Então todo o ensino era área dirigida a área agrícola e pensei... ai me veio o nome o Grãozinho. O grãozinho seria aquela semente que ia ser colocada, que ia ser plantada, que ia crescer e tal. Foi uma ideia minha. Minha e depois discutida com o grupo, eu, Zilda e Socorro Melo. Depois tive que levar para o departamento aprovar [...]. (MARIA DO SOCORRO FERREIRA FRAZÃO, 2017)

Outras sugestões ainda foram consideradas e debatidas na ocasião, como por exemplo "O sementinho", olhar trazido pelo Prof. Oséias Almeida Neto que era coordenador de um curso de licenciatura e fazia parte do conselho de centro. Tendo em vista, que todos os coordenadores de curso faziam parte do conselho, assim como o diretor, o vice-diretor, o chefe de departamento e a representação estudantil.

Na reunião foi aventada a possibilidade de se denominar a escola e lá eu tive a possibilidade de sugerir o nome o Grãozinho e todos aceitaram essa proposta. É tanto que ele já nasceu com essa denominação. Posso adiantar que foi um passo muito a frente. [...] Perfeitamente, não surgiu somente a minha proposta. Surgiu a proposta de ter sido o nome da escola o grãozinho, a escolinha a semente, que foi um nome digamos assim bastante aceito, mas quando nos colocamos o grãozinho foi unânime a aceitação. Outros nomes surgiram, é que eu não me recordo, mas a 'Semente' e o 'Grãozinho' foram os dois nomes que mais tiveram aceitação. Mas 'Grãozinho' chegou portanto a ser a unanimidade, eu tive a sorte de indicar esse nome, não sei que razão. (OSÉIAS DE ALMEIDA NETO, 2017)

Maria do Socorro Ferreira Frazão (2017) e Oséias Almeida Neto (2017) assumem, em suas falas, a autoria do nome da instituição e que atrelavam suas escolhas as questões agrárias. Estas narrações nos levam a refletir sobre as versões de sua denominação e a disputa de poder pela sua autoria. Confrontando estas falas, trazemos abaixo o olhar do Diretor do Centro de Formação de Tecnólogos (CFT) da época, Alírio Trindade Leite, que ressalta que a escolha deste nome foi:

Pelo motivo bem simples, porque era uma escola num campus agrário onde tem o Colégio Agrícola Vidal de Negreiros com data de 1924... então um nome que simbolizasse a agricultura e o efeito multiplicador do grão, era o da 'Semente'. O 'Grãozinho' ficou mais sonoro. O 'Sementinho' não tinha muita sonoridade. Então ficou sendo o 'Grãozinho' justamente por isso, pelo efeito multiplicador da semente. (ALÍRIO TRINDADE LEITE, 2017)

Essas disputas pela autoria do nome da instituição nos levam ainda a refletir se o nome também não estaria atrelado a terminologia do "Jardim de Infância". Este termo foi criado

pelo alemão Friedrich Froebel, o *Kindergarten*¹⁸ ou tão somente "Jardim de infância", traz a concepção de que as crianças devem ser cultivadas e cuidadas, e que seus professores (sob esta concepção considerados "jardineiros/as"), participam efetivamente do processo de desenvolvimento e desabrochar deste pomar. Esse caráter assistencial atribuído historicamente a Educação Infantil descaracteriza o papel do professor, além de por em suspense o binômio discutido pelo Referencial Curricular de Educação Infantil (R.C.N.E.I., 1998), sobre o equilíbrio das funções "educar e cuidar". As terminologias "O Grãozinho" e "O Sementinho", trazidas no diminutivo, corroboram para endossar o caráter assistencialista e infantilizador das instituições de educação infantil.

A autoria sob o nome da instituição não ficou definida, mas seus objetivos educacionais foram traçados pelo Regimento de 1986:

I-Implementar o bem-estar físico, social e emocional da criança; II-propiciar a socialização dos alunos do Jardim de Infância, através da vivência com outras crianças da mesma faixa etária; III-favorecer o desenvolvimento integral da criança do Jardim de Infância nos aspectos cognitivos, psicomotores e emocionais; IV-ensinar à criança hábitos e atitudes favoráveis em relação a noções básicas de higiene, responsabilidade e cooperação; V-utilizar técnicas adequadas ao desenvolvimento da psicomotricidade; VI-incentivar a criatividade; VIII-exercitar a expressão oral e as diversas formas de percepção; VIII-estabelecer fundamentos-base para a leitura, escrita e numeração; IX-condicionar atitudes positivas em relação à escola de 1ª grau junto aos alunos do pré-escolar; X-proporcionar ao aluno das quatro primeiras series do ensino de 1ª grau a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania. (REGIMENTO INTERNO, Cap. III, Art. 5º, 1986)

A preocupação com os aspectos cognitivos, psicomotores e emocionais são próprios da Educação Infantil. Já no que compete a leitura, escrita e numeração mapeia a formação para as séries, na época, referentes ao 1º grau¹⁹. Conforme o Artigo 2º do Regimento, a escola inicialmente visava o ensino pré-escolar na modalidade Jardim de Infância e as quatro primeiras series do 1º grau aos filhos dos funcionários, docentes e dependentes da Universidade, podendo, posteriormente, atender outros alunos da comunidade. Ambas as modalidades de ensino são atualmente denominadas de Educação Infantil, creche de zero a

¹⁸ "Em junho de 1840, Froebel fundou o Primeiro Jardim de Infância (Kindergarten), constituindo um centro de jogos, organizado segundo seus princípios e destinado a crianças menores de 6 anos. Seria um ambiente onde as crianças e adolescentes (pequenas sementes que, adubadas e expostas a condições favoráveis em seu meio ambiente, desabrochariam sua divindade interior em um clima de amor, simpatia e encorajamento), estariam livres para aprender sobre si mesmos e sobre o mundo. O Jardim de Infância da Escola Froebeliana caracteriza-se por, atividades como: canto, jogos, pinturas, palestras, jardinagem, modelagem, olhar gravuras e ouvir histórias". Disponível em: < <https://pedagogiaaopedaletra.com/froebel-e-o-primeiro-jardim-de-infancia/>>. Acesso em 15/08/2017.

¹⁹ Nomenclatura citada conforme apresenta a fonte documental.

três anos de idade e pré-escola de quatro a cinco anos e o Ensino Fundamental nos anos iniciais.

Outro aspecto discutido nos objetivos da escola é a preparação para o trabalho desde a mais tenra idade, pois acreditava-se que as crianças nas series iniciais do Ensino Fundamental, deveriam ser preparadas para o trabalho desde a infância, desenvolvendo suas habilidades para o exercício da cidadania. Esta concepção também é intensificada pela história do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros.

O objetivo principal da fundação do Patronato Agrícola “Vidal de Negreiros”, assim como de outros fundados em diversos estados brasileiros, era de receber menores em situações adversas, [...]. Menores desprovidos de assistências sociais, dotando-os de conhecimentos, de modo que na vida futura não fossem sofrer consequências pela falta de iniciativa dos poderes públicos. (SILVA, 2014, p. 153)

A proposta de preparar alunos, principalmente homens para o trabalho, permeou os objetivos da escola técnica por anos. Espelhada nela, a escola O Grãozinho deveria desenvolver as habilidades físicas, motoras e psicológicas das crianças. Tal processo educativo acontecia de maneira sistemática e intencional, tornando a instituição referência na cidade.

Devido a este reconhecimento as vagas ofertadas para a comunidade passaram a ser cada vez mais disputadas. Para a matrícula se fazia necessário os requisitos apresentados na Seção II do Art.76:

I-registro de nascimento, II-comprovante de filiação e de dependência, quando o dependente não for filho de funcionário ou professor; III- duas fotografias 3/4 para alunos de 1º grau; IV-guia de transferência para alunos egressos de outros educandários; V-comprovante de pagamento da taxa de matrícula. (REGIMENTO, Título VI, Seção II, Art.76º,1986)

Segundo **Maria do Socorro Ferreira Frazão** (2017) a matrícula acontecia de forma gratuita, ficando sob a responsabilidade dos pais a compra do fardamento e dos livros didáticos. Segundo ela:

[...], o fardamento o pai era quem comprava. Na época, existia uma pessoa que fabricava e eles compravam. Compravam livro e fardamento também. E os alunos levavam o lanche, porém, por um período o lanche foi fornecido pela Secretaria do Município. Eles enviavam os gêneros alimentícios e a merenda era preparada na própria escola, por uma funcionária lotada pelo Centro. (**MARIA DO SOCORRO FERREIRA FRAZÃO, 2017**)

Anos depois, já sob a coordenação da professora Jalmira Damasceno, descobrimos que no ato da matrícula em “[...], 2012 funcionava cobrando a taxa de matrícula, cobravam a farda e as pessoas entregavam o material [...], não pagavam a taxa de material, mas entregavam uma lista de materiais com os livros” (JALMIRA LINHARES DAMASCENO, 2017). Esta fala confronta o que aborda Maria do Socorro Ferreira Frazão, nos levando a intuir que por certo momento não houve a cobrança e que a *posteriori* ela passou a ser efetivada. Não conseguimos definir o período certo que ela passou a ser cobrada a taxa de matrícula, mas acreditamos que foi a partir de 1997, quando iniciou-se uma nova coordenação exercida pela professora Maria do Livramento Rodrigues da Silva.

Ainda segundo Jalmira Linhares Damasceno (2017) a cobrança da taxa de matrícula é entendida como uma “[...] ação privatizada, ela passa quando a gente começa a conversar com a Direção de Centro. Isso não podia acontecer! [...] A taxa só é deixada de ser cobrada no ano de 2013”. Tal cobrança constituía significativa infração, tendo em vista que numa instituição pública não se podia ter ações de cunho privativo. O ano de 2013 demarca justamente a existência de uma nova coordenação, que passa a compreender a instituição como um laboratório de ensino, e que por isso mesmo já possuía um novo regimento interno²⁰.

Nos anos de 1980, a escola²¹ era dividida internamente por três salas de aula, um salão, uma cozinha, um banheiro infantil, um banheiro adulto, um almoxarifado pequeno, uma dispensa para acondicionar os alimentos, a diretoria e uma saleta de arquivo para se guardar materiais da instituição. No que diz respeito a parte externa se tinha uma área de lazer com alguns brinquedos como: o escorregador e a piscina de bolinhas. Com relação a distribuição do alunado, o regimento traz em seu conteúdo essa organização.

No Artigo 60 do Regimento Interno (1986) diz que: “as turmas serão distribuídas por faixas etárias tendo cada turma, no máximo, 25 alunos”. Posteriormente, é que se abriu vagas para a comunidade desde que atendesse ao determinado critério. É o que ressalta Maria do Socorro Ferreira Frazão (2017):

Posteriormente, começou a abrir pra comunidade. Era filho ou sobrinho, desde que fosse dependente de imposto de renda. Se você declarasse, por exemplo, que tinha dois sobrinhos como dependentes no imposto de renda, naquela época podia hoje já não pode mais. E aí eles estudavam lá. (MARIA DO SOCORRO FERREIRA FRAZÃO, 2017)

²⁰ Que será discutido nos capítulos que se seguem.

²¹ A divisão atual de sua estrutura física será caracterizada no próximo capítulo.

Havia na instituição um regime disciplinar bem definido, estabelecendo aos educandos da instituição direitos e deveres declarados em estatuto. Os direitos estavam expressos no Art.57:

I-receber, em igualdade de condições, a orientação necessária à realização de suas atividades escolares; II-ser tratado com urbanidade pelos administradores, professores e empregados; III- utilizar-se da Biblioteca e dos serviços assistenciais da Escola nos termos regimentais. (REGIMENTO, Cap. II, Art. 57º, 1986)

Já os deveres poderiam ser visualizados na normatização do Art.58, que estabelece ao alunado:

I-acatar a autoridade do diretor, dos professores e empregados e tratar com respeito os seus colegas; II-ser assíduo e pontual com os deveres escolares; III-colaborar com a administração da Escola na conservação do prédio, do mobiliário escolar e de tudo que estiver ao seu uso; IV- porta-se no recreio, nas dependências e adjacências do prédio escolar com moderação, segundo os preceitos de boa educação; V-trazer em dia o material necessário às aulas; VI-ressarcir os danos causados ao estabelecimento, empregados e colegas. (REGIMENTO, Cap. II, Art. 58º, 1986)

Todo um manual de condutas regravava o comportamento do corpo discente, até mais que os direitos estabelecidos. Apesar de se voltar a Educação Infantil, não percebemos no Regimento ações voltadas a recreação, às bases do brincar e do cuidar. Em que meandros das práticas realizadas pelo Grãozinho estaria a ludicidade? Segundo o que narra [Luzia Zilda de Andrade e Silva \(2017\)](#), as atividades desenvolvidas aconteciam na sala de aula, “ainda na época tinha cópia, passava no quadro mas a gente explorava essa cópia, [...]. O que é, que quer dizer esta palavra? A gente fazia uma exploração.” Também sobre isso, [Maria do Socorro Ferreira Frazão \(2017\)](#) complementa:

Nós trabalhávamos com o trabalho de acolhida, a roda que se chamava de roda inicial, onde havia toda uma interação da professora com o aluno. Eles as vezes chegavam até a expor questões familiares neste momento. Tinha a parte da rotina didática, seguindo o livro na formação dos conceitos básicos, e na parte cognitiva, dedicava-se a parte afetiva, psicomotora e da coordenação. Procurávamos utilizar material concreto, porque na formação que nós fizemos isso foi muito passado. A professora trabalhava todo o conceito material [...] Vou te falar um exemplo: o grande, o largo e o estreito era com fita, Fita de cetim. É o grande e o estreito, o curto e o longo esses conceitos eram bastante trabalhados com o material concreto. Depois ia pra as tarefas, existia a recreação. A recreação da própria professora e existia a recreação que era dada por um professor da universidade, do campus que eles adoravam. A metodologia era tradicional, que é ainda mais útil eu acho.

Percebemos que existia uma organização do tempo escolar com a implementação de uma rotina caracterizada por proporcionar momentos como: a acolhida, a roda inicial em que eram trazidos assuntos diversos, a rotina didática dedicada para as atividades escolares e a recreação. Após ela, havia o momento reservado para apresentação e a cópia da atividade para

casa. Tal ritual proporcionava aos alunos atividades muito intensas e longas, além de estimulá-los ao ato de decorar respostas conforme o livro didático.

Os planejamentos das atividades pedagógicas seguiam um roteiro dado pela coordenadora com a descrição dos objetivos, metodologia, os recursos materiais que seriam necessários para ministrar a aula e, quando não se tinha o devido material, as próprias docentes confeccionavam. O plano de aula deveria ser realizado diariamente devido à disponibilidade de tempo para tal finalidade em cumprimento da carga horária de trabalho exigida pela unidade de ensino, que era de 40 horas semanais.

Ainda nessa perspectiva do cotidiano escolar **Olga Maria Rocha** Marques (2017) destaca:

Nós trabalhávamos o tradicional. Mas era mesclado, era tudo, trabalhava com o livro didático, entendeu. Não era como no construtivismo [...] não tinha uma interação, entendeu. As crianças copiavam muita tarefa, só paravam quando termina o tempo, aí era o lanche (Sic). Quando voltava iam terminar a atividade e depois quando dava 15min pras 5hrs, iam embora. [...] No tempo que eu cheguei achava um absurdo. As crianças só aprendiam os numerais, isso no tempo da primeira diretora. Só conseguiam fazer os numerais de 1 até 5. Copiavam o nome completo sem conhecer. Conheciam as letras mas não sabiam juntá-las. [...] Era assim, de forma aleatória.

Baseado em práticas repetitivas, que priorizam a memorização é que vemos o descontentamento da professora com o próprio trabalho pedagógico desenvolvido. Segundo **Olga Maria Rocha** Marques (2017), “Nós fazíamos a avaliação por bimestre, passávamos também tarefas mimeografadas. Essa era avaliação escrita”. De acordo a professora não havia integração entre escola e pais para a realização destas tarefas, e as crianças temiam as provas:

Nós passávamos as tarefas das lições, desde as vogais as junções, ai depois entrávamos nas famílias da bola, ai a criança ia trabalhar, fazer as atividades. Juntávamos todos os conteúdos e formulávamos as questõezinhas e a crianças faziam a avaliação. Tinha umas que tinha um raciocínio logo rápido. Tinha outras que eram mais lentas, esses é que choravam mesmo quando eu ia fazer a avaliação. A criança que acompanhava, que se saia bem na avaliação oral era aplicado uma nota até dez, se acertasse todo. Quando chegavam as avaliações muitos deles choravam muito, por que não sabiam fazer. (**OLGA MARIA ROCHA MARQUES**, 2017)

Ainda como parte integrante deste processo avaliativo existia os testes orais, mais comumente aplicados às disciplinas de Matemática e de Português. Esse processo de avaliação causava constrangimento e apreensão nas crianças, já que a escola dimensionava as notas a partir de conceitos, estando a pontuação baixa como “fraquíssimo”.

E ainda tinha uma regra, quando a criança não sabia era colocado fraquíssimo. Apesar que eu nunca colocava fraquíssimo não, quem botava era a primeira diretora. Ela ainda fazia um círculo na letrinha quando a criança não sabia. Que era para os pais ver. E ainda tinha uma prova, uma avaliaçãozinha oral que era das letrinhas. De acordo quando se era ensinado só as vogais e as junções, ai tinha que fazer essa avaliaçãozinha oral das letrinhas. Do mesmo jeito era a avaliação oral de matemática, que as crianças tinham que conhecer os números e dizer um por um. Ainda melhorou um pouco quando eu e Jadsa assumimos. Mas antes era um horror. (OLGA MARIA ROCHA MARQUES, 2017)

O método avaliativo narrado trazia muitos transtornos, o que provocava um sentimento de medo e insegurança por parte das crianças, que eram expostas e constrangidas de forma cruel pela diretora da época. O processo avaliativo já é conhecido como um período causador de muita ansiedade, e esta situação classificatória "de quem é melhor ou pior" se tornaria um agravante psicológico ainda maior para esses alunos, uma vez que não relaciona a fase da avaliação a **um momento de aprendizagem e construção do conhecimento**.

A avaliação oral só foi abolida na gestão da professora Jadsa Maria Bezerra França por volta dos anos 2000. Olga Maria Rocha Marques (2017) relembra que “Trabalhávamos muito as datas comemorativas. Entregávamos os trabalhos para os alunos pintar, desde o tempo da primeira diretora”. A professora dialoga sobre o perfil da gestora na época em que começou a trabalhar na unidade afirmando “Essa é que era tradicionalista mesmo, neste período é que a criança não tinha autonomia nenhuma para se expressar”. Sobre as aulas de artes,

As crianças faziam os trabalhos com ela ai ela saia mostrando assim e determina as cores que as crianças que teriam que pintar não era a Jadsa a primeira diretora que nos trabalhávamos juntas com ela essa que faleceu. Tínhamos que pintar uma atividade para deixar exposta para que a criança pintasse do mesmo jeito. A criança é não tinha. Como é que se diz: autonomia para fazer o trabalho sozinha. E tínhamos que vencer o livro. Por que os pais compravam o livro e exigia que fosse, que chegasse no final de ano e fosse terminado. (OLGA MARIA ROCHA MARQUES, 2017)

Neste período, as crianças não tinham a autonomia, a preocupação estava concentrada na cópia que restringia seu momento criativo e imaginativo. Atitudes como estas atualmente são tidas como impróprias para a Educação Infantil, pois entendemos que é nesta fase que a criança começa a perceber o mundo que está a sua volta e passa a querer experimentar diversos materiais e texturas, interagindo e socializando suas descobertas com o ambiente. A reprodução, a cópia não é sinônimo de aprendizagem, mas sim, de decorar o que está sendo pedido ao aluno.

A professora ainda mencionou a preocupação que os pais tinham com o livro, porque cobrava-se que a criança tomasse conhecimento de todo o assunto que estava impresso, já que o livro era comprado pelos pais e, por isso, teria que ser utilizado por completo. Esse método

de ensino enciclopédico era muito comum nas escolas, principalmente nas instituições que adotavam o método tradicional de ensino, aonde os alunos eram levados ao estímulo-resposta. Esta abordagem implica em diversas lacunas e não estimula o aluno a refletir e a questionar. Outro ponto, muito cobrado pelos pais nessa época é a chamada tarefa de casa com atividades para cobrir, colar, pintar, copiar e desenhar.

Olga Maria Rocha Marques (2017) ao narrar o tempo designado para o planejamento das aulas menciona: “Eu ficava com os meus dedos duros de tanto copiar tarefa. Era tarefa de classe e de casa. Eu chegava de 7:30h da manhã e ficava até as 11h sentada na cadeira para poder terminar essas atividades”. E expressa que se estivesse atuando em sala de aula nos dias atuais “jamais trabalharia como eu trabalhei”. Diante deste método, a professora cita que sentiu muita dificuldade quando começou a trabalhar com o construtivismo, porque nesse método a criança se torna o protagonista do seu próprio conhecimento, além de consistir na construção do saber, na troca de experiências norteadas por uma relação dialógica entre professor e aluno, aluno e professor e aluno e aluno.

No que se refere a elaboração do currículo da escola, o calendário, o controle e avaliação do desenvolvimento das ações curriculares eram atribuições assumidas pelo coordenador escolar. Segundo o antigo regimento cabia à secretaria a organização e manutenção dos documentos da escola, realizando matrículas e transferências, expedindo declarações e certificados, entre outras atribuições. Os pagamentos dos servidores eram de total responsabilidade da Universidade Federal da Paraíba.

Conforme o regimento de 1986 o Conselho Administrativo da instituição estava composto pelo diretor do Centro, o chefe do Departamento de Ciências Básicas e Sociais – DCBS, o orientador, o supervisor e o coordenador pedagógico. Sendo todos os membros nomeados pelo diretor, vivenciando dois anos de mandato. Havia também o Conselho de Pais e mestres, o Conselho de Classe e o Centro Cívico, aprovado pela congregação dos docentes. Esta congregação tinha por finalidade promover o intercâmbio entre os professores, propiciando momentos de trocas de experiências correspondentes ao exercício de suas funções pedagógicas. Já a formação cívica tinha por intuito,

I-a preservação, o fortalecimento e a projeção dos valores éticos e espirituais da nacionalidade; II- o fortalecimento da unidade nacional e do sentimento de solidariedade humana; III- o aprimoramento do caráter com apoio moral na dedicação à família e à comunidade; IV- o culto à pátria, aos seus símbolos, tradições, instituições e aos grandes vultos de sua história; V- o culto a obediência à Lei, da fidelidade ao trabalho e da integração na comunidade; VI- o desenvolvimento das atividades cívico culturais, recreativas e desportivas. (REGIMENTO, Cap. I, Art. 47º, 1986)

Nessa época o contexto histórico estava marcado pela luta por direitos. Direitos que são reivindicados pelos movimentos sociais comunitários, os sindicatos e principalmente pelo movimento feminista da classe de mulheres trabalhadoras que reivindicam creches para os seus filhos em busca de melhores condições trabalhistas. Um período em que o Brasil vivia intensivamente a pós-ditadura militar e que se cultuava fortemente a ideia de patriotismo, principalmente nas escolas.

Os ensinamentos dos valores éticos e morais se faziam presentes assiduamente na formação do ser humano, com o desejo de manter as raízes patrióticas como tradições cultivadas no exercício da cidadania, mas que delineavam também os direitos e os deveres dos cidadãos. Na visão de **Luzia Zilda de Andrade e Silva** (2017), “a proposta maior da instituição era que eles aprendessem, que eles soubessem ler e dominar a leitura”. Neste âmbito a proposta da instituição era alfabetizar e era dever do aluno aprender, desenvolvendo suas habilidades de leitura e escrita. Os valores patrióticos eram introjetados pelos discentes por meio das normas que circulavam na instituição.

Esse contexto educacional começou a vivenciar mudanças mais estruturais em 2011, quando o curso de Pedagogia vivencia sua primeira avaliação pelo MEC. Neste período, o Grãozinho passa a ser tomado como Laboratório de Ensino. Para tal configuração foi necessário a adequação do estabelecimento conforme os aportes legais, presentes na LDBEN nº 9.394/96 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Este ambiente, assim, passa a ser compreendido nos anos que seguem como campo de estágio para os graduandos dos cursos de licenciatura do campus.

Em 2012 houve a criação do Departamento de Educação (DE) no Centro, e as questões que envolviam o Grãozinho passaram a ser amplamente discutidas, tendo em vista, que o Laboratório passaria a ficar lotado neste Departamento. Uma comissão de reestruturação pedagógica e administrativa foi criada como uma das demandas do DE para o Grãozinho, com vistas a elaborar uma nova proposta pedagógica para unidade de ensino. A reformulação de seu regimento interno e a busca pelo seu reconhecimento legal como unidade de Educação Infantil federal também foram objetivos perseguidos pelo Departamento. O quadro abaixo cita os membros da comissão de reestruturação pedagógica d'O Grãozinho.



MEMBROS DA COMISSÃO
Maria Aparecida Valentim Afonso
Fabrcia Souza Montenegro
Efigênia Maria Dias da Costa
Jalmira Linhares Damasceno
Saimonton Tinôco da Silva

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017

A nova Proposta Pedagógica elaborada por eles para a unidade contemplava os anos de 2013 a 2016 e se pautava em elementos norteadores que priorizavam “conhecimento, cooperação e autonomia, visando o acesso à cultura, a participação democrática e a criação de comunidades solidárias e sustentáveis, meios necessários à transformação social e a instituição de comunidades aprendentes”.

Neste mesmo ano de 2013, a escola O Grãozinho passaria a ser denominada de Unidade de Educação Infantil e Laboratório de Ensino dos cursos de graduação e pós graduação da Universidade Federal da Paraíba, trazendo como base da nova Proposta Pedagógica a intenção de se constituir como:

[...] uma unidade de Educação Infantil de atualizada referência teórica, de boas práticas pedagógicas para os municípios paraibanos de Bananeiras e Solânea e para os alunos dos cursos de graduação e pós-graduação do campus, por meio da oferta de pré-escola e de formação de recursos humanos para o atendimento educativo da criança pequena. (PROPOSTA PEDAGOGICA DO GRÃOZINHO, TRIÊNIO 2013-2016, p.11)

Ao assumir esta nova configuração, a unidade passa a ser acompanhada por docentes do curso de Pedagogia, sendo sede de atuação de diversos projetos de pesquisa e extensão. Funcionando ainda com o atendimento das crianças pequenas, a escola “continua atendendo crianças da pré-escola, na faixa etária de quatro a cinco anos de idade, estando vinculada administrativamente ao CCHSA e pedagogicamente ao DE, contando com a assessoria pedagógica direta do segundo” (PROPOSTA PEDAGOGICA DO GRÃOZINHO, TRIÊNIO 2013-2016, p.7). Tal proposta aliava a formação dos alunos a uma nova prática e concepção de Educação Infantil, diferente da que era desenvolvida até então.

Neste contexto até então narrado, tomamos a história de criação do Grãozinho como alvo de nossas discussões, passando a adentrar no item que se segue o período de transição para a sua nova faceta, como Laboratório de Ensino do Curso de Pedagogia.

2.2. II Momento: Fase da vinculação ao curso de Pedagogia e constituição do Laboratório de Ensino

Desde sua criação até o ano de 2012 a instituição educacional passou por significativas mudanças, sendo elas de cunho pedagógico, administrativo e físico. A instituição vivenciava diversas irregularidades, não estando apta legalmente para permanecer funcionando como escola.

Pedagogicamente a unidade teve o seu currículo reorganizado, houve a implementação de uma rotina e de uma nova proposta metodológica, embasada nos princípios da concepção construtivista. Nesse ensejo, a comissão proporcionou estudos e formações para os professores e bolsistas da unidade, contemplando os fundamentos da infância, do currículo e as linguagens da criança pequena. Inicialmente foram realizados estudos direcionados também para o ensino de artes para as crianças.

Nós implementamos a formação contínua semanal dessas professoras com uma programação que contemplou os Fundamentos da infância, o Currículo e as linguagens da criança. Estudávamos semanalmente, tínhamos os dias de estudo e os dias de planejamentos, período em que elas mostravam os trabalhos que estavam fazendo com as crianças... e começamos a implementar também a organização do currículo por projetos. (JALMIRA LINHARES DAMASCENO, 2017)

Em relação a questão administrativa o Grãozinho passou por algumas transformações entre meados de 2012 e 2013. Com a chegada da comissão houve a necessidade de se ter uma nova coordenação, uma vez que quem desempenhava tal função não tinha formação adequada. Em virtude disto, ficou de comum acordo a nomeação da professora **Jalmira Linhares Damasceno**, que passou a assumir a chefia e a coordenação do laboratório de ensino.

É neste período que a unidade parece ganhar visibilidade e passa a ser alvo de diversos debates e discussões. De acordo com **Jalmira Linhares Damasceno** (2017), “a primeira comissão criada foi a de reestruturação curricular, formada pelos professores Saimontom, Fabrícia, Efigênia e Aparecida. A professora Aparecida era a presidente da comissão na época”. Essa teria sido a primeira equipe de trabalho formada para repensar as atividades e novas atribuições d’O Grãozinho.

No início, dentre os documentos encontrados pela comissão estavam apenas fichas de matrícula. O regimento da escola, segundo recorda **Jalmira Linhares Damasceno** (2017) “[...] estava registrado no CAVN, o professor Jefferson entendeu e nos forneceu. Entregou a professora Ana Cláudia, que era a chefe do departamento na época”. Um dos primeiros passos dados para o processo de reestruturação foi a apresentação de um parecer que descrevia as condições reais da instituição.

[...], o parecer técnico registrou as condições da estrutura física do prédio, que não estão adequados aos parâmetros de qualidade exigido no documento Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil (2006), instituídos pelo Ministério da Educação (MEC), regimento desatualizado, ausência de um projeto pedagógico curricular e contratação irregular de professor. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA COMISSÃO DE REESTRUTURAÇÃO DO LABORATÓRIO DE ENSINO GRÃOZINHO, 2012-2013, p.1)

Segundo tal parecer, a necessidade inicial se pautava na busca pelo reconhecimento da escola no âmbito da própria universidade, como também no Centro no qual ela pertence. Logo após este trabalho uma segunda comissão passou a atuar na instituição²², se voltando à formação das professoras, à organização do trabalho pedagógico e ao encaminhamento da documentação legal da instituição para registro e reconhecimento no MEC. Foi nesta comissão que **Jalmira Linhares Damasceno** (2017) passou a fazer parte e a desenvolver trabalhos de formação na área de Artes, Leitura e Escrita. Segundo ela, “algumas divergências foram surgindo entre a comissão e a direção da escola. Depois dentro da própria comissão, nós tínhamos divergências entre os professores”.

Dentre estes conflitos mencionados pela professora, acreditamos que esteja o que foi mencionado por **Olga Maria Rocha Marques** (2017), a respeito da introdução dos princípios construtivistas nas práticas escolares desenvolvidas na unidade. Ainda nesta ocasião, a professora Jalmira assumiu a coordenação geral da instituição, uma vez que a antiga diretora não tinha a formação adequada exigida para tal atuação. Somado a isto, a diretora acumulava cargos, o de professora e o da área de gestão, constatando-se outra irregularidade. Esta mudança também deve ter causado inúmeras tensões.

O assunto é mais detalhado quando anunciado no Relatório da Comissão de reestruturação do Laboratório de Ensino Grãozinho (2012-2013)²³:

²² Formada apenas pelas professoras Jalmira Linhares Damasceno e Efigênia Maria Dias Costa.

²³ Este documento foi elaborado por Efigênia Maria Dias Costa e por Jalmira Linhares Damasceno Ferreira ambos membros da comissão de reestruturação do Grãozinho.

As ações referentes a formação e organização do trabalho pedagógico foram direcionadas com encontros semanais e quinzenais, mediados por docentes da comissão e pela professora Ana Cláudia Rodrigues. Semanalmente passamos a acompanhar o planejamento dos professores, orientando a formulação e realização de atividades, bem como a reestruturação da organização do trabalho pedagógico referente ao espaço físico das salas de aula e seu entorno. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA COMISSÃO DE REESTRUTURAÇÃO DO LABORATÓRIO DE ENSINO GRÃOZINHO, 2012-2013, p.2)

Ainda em 2012, foram também organizados os registros de matrículas dos educandos e nesse processo de reorganização do trabalho resolveram redefinir a forma de entrada, o que passou a vigorar no ano de 2013. **Como já mencionamos em outros momentos deste texto**, até então só ingressava na escola prioritariamente os filhos de funcionários e professores do campus, que pagavam uma taxa de matrícula e se responsabilizavam pela compra dos livros didáticos e de materiais de consumo, como o fardamento escolar. Após a criação do novo regimento, para o ano letivo de 2013 foi elaborado um edital de matrícula, estando as vagas, segundo informam relatório das atividades da comissão de reestruturação do laboratório de ensino Grãozinho (2012-2013, p.4), a “transcorrer sobre a concorrência pública”. A entrada de estudantes para o ano de 2013 na unidade de ensino foi realizada pelo edital de nº01/2013, publicado na página do CCHSA. Outro edital chegou a ser lançado, o de nº 02/2013, regimentando a seleção dos candidatos às vagas oferecidas pela instituição por meio de sorteio público. Com essa adequação de atendimento a unidade de ensino passa a atender as exigências processuais de funcionamento.

O ensino ofertado pela instituição abrangia anteriormente a faixa etária de 3 a 6 anos de idade. A unidade apresentava em sua estrutura física três salas de aulas, atendendo em média vinte crianças pequenas por sala. Três professoras atuavam na instituição, sendo duas docentes efetivas lotadas no Departamento de Educação Básica - DCBS (da carreira de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - EBTT) e uma docente terceirizada. O relatório expõe que, “No que se refere a atuação desses profissionais nas unidades de ensino das instituições federais, a contratação se dá na categoria EBTT, via concurso público de ordem efetiva ou provisória”. Nesse sentido, a contratação da professora pela firma terceirizada configurava em uma irregularidade. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA COMISSÃO DE REESTRUTURAÇÃO DO LABORATÓRIO DE ENSINO GRÃOZINHO, 2012-2013, p.3).

E enfatiza ainda que:

Na impossibilidade de se realizar um concurso público, devido à ausência de vagas específicas para a unidade, que do ponto de vista legal não tem existência junto a instituição, ao contarmos apenas com o quadro de dois professores efetivos, como a maioria das crianças que ficaram na escola no ano de 2013 estariam na faixa etária

de 4 e 5 anos, definimos a oferta. Optando em realizar o atendimento a segunda etapa da Educação Infantil denominada de pré-escola, que corresponde a faixa etária de 4 a 5 anos e 11 meses, definida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. (Idem, p.3)

Em decorrência das mudanças trazidas pela Lei 11.274 de 2006, que regulamenta o ensino fundamental de nove anos, especificamente o ciclo da alfabetização passa a pertencer as séries iniciais do Ensino Fundamental. Ao vigorar da lei, o Grãozinho em 2013 deixa de atender as crianças de seis anos de idade.

Tendo em vista essa conjuntura legal, foi atendido neste mesmo ano de 2012 a última turma de alfabetização. Já em 2013 a instituição passou a ter discentes correspondentes a segunda fase desse nível educacional. Na compreensão de **Jalmira Linhares Damasceno** (2017),

É também até 2012 que funcionava aqui as salas de alfabetização. A escola era caracterizada como uma escola de Educação Infantil e de ensino fundamental de nove anos, entendeu? Não me lembro bem em que ano foi, mas as crianças de seis anos das salas de alfabetização já não pertenciam mais a Educação Infantil. Então é outra irregularidade vivida na escola, pois eles tinham salas de alfabetização aqui. Como a Lei permitia a existência em 2012, eles ficaram desde 2013. A escola ficou realmente de fato só com crianças da Educação Infantil, e atendendo só as crianças da pré-escola, que é exatamente o que é instituído como matrícula obrigatória a partir de 2013 [...]. Então nós passamos a atender só a pré-escola, com crianças de 4 a 5 anos. Não podíamos mais atender a sala do maternal, com as crianças de três anos de idade. Dois, três anos de idade... por que não tínhamos o terceiro professor.

A fala acima expõe os motivos que nortearam a decisão de não mais ter sala de alfabetização e sala do maternal, este último decorrente da ausência de um terceiro profissional de educação. Sobre a nova Proposta Pedagógica e o Regimento, ambos os documentos passaram a ser elaborados pela comissão com a parceria das professoras da instituição:

O regimento e a proposta pedagógica foram escritos a partir do trabalho que a gente estava fazendo com as professoras. Nós, professor Saimonton, professora Efigênia e professora Fabrícia entendeu? Todos nós escrevemos juntos, mas os professores Saimonton e Efigênia foi quem finalizaram. Cada membro da comissão tinha uma função: eu e Saimonton viemos aqui para dentro movimentar a proposta, fazê-la acontecer antes mesmo de ela estar no papel. [...] Então o PPP, posso dizer que as professoras contribuíram à medida que elas estavam dando vida ao processo. Então primeiro nós vivemos a mudança curricular, instituindo a proposta. De algumas professoras contribuíram com a discussão. (**JALMIRA LINHARES DAMASCENO**, 2017)

Para o processo de construção do Regimento e da Proposta Pedagógica participaram os professores Saimonton, Fabrícia, e Efigênia, contribuindo para a formação da assessoria pedagógica do Laboratório de ensino. Estas memórias nos remontam passagens vividas no

momento de transição que enfrentava a instituição, ressaltando o trabalho realizado pela comissão do Departamento de Educação. Esse novo olhar sobre a rotina da escola e toda a mudança curricular estabelecida causaram significativos estranhamentos à comunidade do entorno, como também as professoras que lá estavam.

A vivência destas novas práticas deu ensejo a produção do novo regimento interno da instituição, que versa sobre os seguintes objetivos:

a)promover o desenvolvimento da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade de culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro de uma sociedade; b)estimular o desenvolvimento global da criança respeitando a sua individualidade por meio da promoção de ambientes que favoreçam aprendizagens significativas; c)desenvolver a expressão e a comunicação através das múltiplas linguagens infantis; d)despertar a curiosidade e o pensamento crítico; e)proporcionar à criança a construção progressiva de segurança, autonomia e identidade da criança; f)incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade; g)contribuir para o desenvolvimento profissional dos alunos dos cursos de graduação do Campus III da UFPB. (REGIMENTO, Cap. III, 2013)

Os objetivos propostos pelo novo regimento enfatizam o desenvolvimento das habilidades da criança pequena nos mais diversos contextos e ainda despertam o desejo de contribuir para o desenvolvimento profissional dos discentes dos cursos de graduação, entre eles mais especificamente os do Curso de Pedagogia. Este último item representa a mais nova atribuição d'O Grãozinho, agora voltado a ser um ambiente de ensino, pesquisa e extensão²⁴, espaço de múltiplas atividades docentes²⁵.

Para o início do ano letivo de 2013, foram realizadas pequenas reformas como pintura do prédio, adaptação de estantes, do quadro negro para que se tornasse mais acessível para as crianças pequenas. A reorganização de espaço e a confecção comporiam também os trabalhos. A exploração das áreas externas e internas da escola fazia parte da proposta pedagógica, levando a criança a interagir com outros espaços do campus III. Segundo a proposta,

²⁴ No âmbito de extensão foram desenvolvidos projetos de formação continuada sobre o Ensino de Artes, voltado para os docentes das modalidades de ensino de educação infantil, ensino fundamental e jovens e adultos do município de Bananeiras. Para o relatório das atividades da comissão de reestruturação do laboratório de ensino Grãozinho (2012-2013), “os projetos são vinculados ao Programa de Licenciatura (PROLICEN) e ao Programa de Extensão Universitária da Universidade Federal da Paraíba (PROBEX)”.

²⁵ “No início do ano de 2013, a unidade realizou a primeira semana pedagógica da instituição, na qual participaram além dos professores efetivos, estudantes do curso de Pedagogia e professores da rede pública do município de Bananeiras/PB. A formação foi realizada por membros da comissão de estágio e pela professora Nilvânia Santos. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA COMISSÃO DE REESTRUTURAÇÃO DO LABORATÓRIO DE ENSINO GRÃOZINHO, 2012-2013, P.5)

Os projetos didáticos, modalidade que muitas vezes se confunde com os projetos institucionais – que envolvem a escola toda, tem como principais características trazer situações reais para a sala de aula, a partir de uma situação-problema, além da existência de objetivos mais abrangentes, sejam eles didáticos (relacionados ao que os alunos devem aprender) ou sociais (vinculados a um produto final). Também dá sentido mais amplo às práticas escolares, pois evita a fragmentação dos conteúdos e torna corresponsável pela própria aprendizagem. (PROPOSTA PEDAGÓGICA DO GRÃOZINHO, TRIÊNIO 2013-2016, p.20)

Nesse sentido, foram desenvolvidos alguns projetos didáticos como “Eu e minha escola”, “Alimento” e a “Biografia de Jackson do Pandeiro”, em 2013. Sobre esses momentos **Olga Maria Rocha Marques** (2017) relembra:

[...], a pintura que fizeram no Grãozinho, as crianças se lambuzaram todinha. Foi lindo! O passeio ao museu... os trabalhos feitos com as crianças, com o “Jackson do Pandeiro”, eu amei. O ‘banho de grude’... No começo eu não queria me melar de grude, mas vendo as crianças se lambuzarem no grude também gostei. Um dos trabalhos que eu gostei muito de fazer com as crianças foi a parte do “faz de conta”, porque a criança demonstra assim a sua criatividade entendeu? Ela vivenciava o dia a dia, o que acontecia tanto na sua casa, como na sua escola, ela contava e aquilo deixava a criança muito feliz. (**OLGA MARIA ROCHA MARQUES**, 2017)

Na visão de **Olga Maria Rocha Marques** (2017) “o trabalho da professora Jalmira [...] me incentivou bastante, me fez ver o lado positivo de ser professor, de interagir com as crianças, de ser mediador de tudo”. Esses trabalhos lúdicos retiram a criança daquela relação estímulo-resposta, a trazendo para interagir com o processo. Essa nova proposta que circulou na instituição conduzia a criança a interagir umas com as outras e a socializar sua aprendizagem por meio da exposição de trabalhos em pesquisas, rodas de conversa, aulas de campo e etc. Conforme versa no regimento de 2013:

A proposta pedagógica da Unidade tem como objetivo garantir a criança o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens significativas. Para isso definirmos como organizadores do trabalho pedagógico o ensino por meio de competências e habilidades, a organização das aulas por meio de projetos didáticos e o acompanhamento desse processo por meio de avaliação contínua. (REGIMENTO, TÍTULO IV, SEÇÃO II, ART. 47, 2013)

Esse novo currículo levou a gestão a abordar uma prática metodológica diferenciada, integrando os pais no processo de aprendizagem do discente. O primeiro contato estabelecido entre a nova gestão e os pais fora assim narrado pela coordenadora:

Inicialmente a gente fez uma reunião e muitos pais não conseguiram entender essas mudanças. Isso foi o primeiro embate. A primeira questão que a gente teve que aprender a lidar, porque os pais não compreendiam a proposta. A gente fez uma reunião explicando como seria, eu me lembro que um dos pais ainda fez a menção a Paulo Freire. Muitos pais estavam gostando da mudança outros não! No decorrer do

processo os pais começaram a fazer questionamentos e nós começamos a fazer reuniões com esses pais e explicamos todo o processo com eles. Os pais que resistiram e que não concordavam com a proposta a gente insistia, explicando que não era bem assim entendeu. Que nós tínhamos agora crianças de 4 a 5 anos, não tínhamos mais a alfabetização. Então nós não íamos escolarizar as crianças, íamos parar com o processo de escolarização, íamos trabalhar na perspectiva da Educação Infantil para garantir elementos experimentais nas áreas de conhecimento. Isso não quer dizer que as crianças não iam aprender a escrever, mas que o nosso propósito não era alfabetizar. (JALMIRA LINHARES DAMASCENO, 2017)

Esse encontro na visão de uma das professoras adquiriu os seguintes contornos:

Muitos pais não aceitavam essa nova metodologia. Lizandra foi a única que deixou a criança dela continuar depois dessas mudanças todas. Ela amava o Grãozinho, ela disse que tinha estudado no Grãozinho e então a menina dela continuou, foi até minha aluna, mas fizemos um trabalho maravilhoso e ela gostou bastante. Pena que a escola não continuou mais o ensino regular, mas se tivesse continuado, se tivesse estrutura, se tivesse sido reconhecida, eu acredito que as novas professoras trabalhariam muito bem (OLGA MARIA ROCHA MARQUES, 2017).

Muitos pais retiraram seus filhos da escola, principalmente aqueles que eram pais de crianças com a faixa etária dos 5 anos de idade. Isso se deu mais especificamente pelo fato de o Grãozinho não atender mais a fase da alfabetização. Em contrapartida, por meio de conversas informações soubemos que a relação da família com a escola passou a melhorar com o apoio dos estudantes de Pedagogia, que atuavam na escola a época. “O aluno de Pedagogia [...] como lida com a comunidade está mais próximo dos pais dos alunos. Por que as vezes o pai é vizinho dele.... e isso ajudou demais, quando os estudantes começavam a conversar com as famílias” (JALMIRA LINHARES DAMASCENO, 2017).

Estas novas práticas vivenciadas, nomeadas por Olga Maria Rocha Marques (2017) como construtivistas, são tratadas pelas professoras do quadro efetivo como difíceis de adequar. Em decorrência disto, as professoras passam a faltar com frequência e a vivenciarem algumas licenças. “No início eu trabalhava o tradicional, custei a me adaptar que só. No começo aplicava aos poucos a metodologia, mas eu não conhecia em parte”. Jalmira Linhares Damasceno (2017) cita que “foi muito difícil [...] para mim, tive que assumir muitas vezes e ficava de uma sala para outra. Tamires e Eutália aqui e Deise e Edilene nessa outra sala, porque não tinha professor”. Nesta época, três estudantes de Pedagogia exerciam a função de professoras estagiárias, desenvolvendo atividades junto as professoras regentes em sala de aula. A presença destas alunas, citadas acima, estava prevista no regimento da instituição, quando aborda que:

O corpo de estagiários é formado por alunos dos cursos de graduação e pós-graduação do Campus III da UFPB que discutam temas relevantes acerca do desenvolvimento e aprendizagem de crianças pequenas. Os estágios supervisionados podem configurar como: docência assistida, estágio curricular obrigatório e outros estágios vinculados a projetos de extensão e pesquisa (REGIMENTO, Cap. 3, Art.39, 2013)

Em julho de 2013, as professoras do quadro efetivo decidem se aposentar. Mas antes disso, solicitam o direito de gozar de suas licenças que já estavam sendo vencidas. Em decorrência desse fato no início do ano de 2014 as férias foram consolidadas. Com a solicitação da aposentadoria sugeriram a oferta de vagas, **mas** devido a situação de irregularidade na instituição não poderia ser realizado um novo concurso para o preenchimento dessas vagas.

No que se refere ao processo de legalização da instituição e reconhecimento de sua existência como uma unidade de Educação Infantil em âmbito federal o relatório das atividades da comissão de reestruturação do laboratório de ensino Grãozinho, (2012-2013, p.6) comenta que “na atual conjuntura política, que configura a luta das unidades de ensino que funcionam nas instituições federais e ainda não foram reconhecidas junto ao MEC, a formalização desses espaços como colégios de aplicação tem sido a orientação”.

Para a conquista de tal reconhecimento seria necessário que o Grãozinho atendesse além da Educação Infantil as series iniciais do ensino fundamental, configurando a oferta de um processo educativo mais abrangente. Estruturalmente e fisicamente ele não poderia assumir tal forma. Assim, versa o Relatório das atividades da comissão de reestruturação do laboratório de ensino Grãozinho (2012-2013, p.7) em seu texto esclarece que para manter as características de uma “instituição autônoma que funciona como unidade de ensino da educação básica lotada diretamente no CCHSA, [...] *a unidade* necessita de funcionários e professores contratados pela instituição via concurso público”. (*A alteração em itálico é nossa*).

Para a continuidade das atividades realizadas pela escola, enquanto ensino regular, necessitava-se de um corpo docente composto de cinco professores, destes três docentes para assumirem as salas de aula, e dois para atuarem como diretor e coordenador, eleitos por meio de processo eleitoral, conforme estabelece o novo regimento interno, quando menciona que “A unidade será ministrada por um(a) diretor(a), escolhido(a) por um processo de eleição democrática e homologada pelo CCHSA, Campus III. Após eleito (a), cumprirá o mandato de dois anos, podendo ser renovado por igual período. (REGIMENTO, Cap.1, Art.10, 2013)

Tal necessidade configurava a permanência d’o Grãozinho como Laboratório de Ensino do Curso de Pedagogia, uma vez que

A lotação do laboratório de ensino no Departamento de Educação implica no momento, a responsabilidade de pleitear junto a reitoria dessa universidade, em conjunto com a direção do CCHSA, primeiro o reconhecimento da unidade de ensino pela UFPB, por meio da criação de uma resolução que deve ser apresentada ao MEC para que assim a unidade possa ser reconhecida oficialmente como unidade de ensino mantida pelo governo federal. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA COMISSÃO DE REESTRUTURAÇÃO DO LABORATÓRIO DE ENSINO GRÃOZINHO, 2012-2013, p.8)

Diante desta conjuntura, apresentada por meio do relatório elaborado pela Comissão, foi agendada uma conversa com a pró-reitora de Graduação do campus I, na época a professora Ariane Norma de Menezes. Nesta ocasião, se faziam presentes o diretor do CAVN - Gerson Azeredo, a coordenadora do laboratório – professora Jalmira Linhares Damasceno, e a chefe do Departamento de Educação, professora Ana Claudia Rodrigues. Segundo o relatório das atividades do laboratório de ensino o Grãozinho referente ao período de setembro a dezembro de 2013, em que o documento cita que esse encontro teve por objetivo “Apresentar o funcionamento do laboratório de ensino para a pró- reitoria e nos orientarmos sobre os procedimentos que deveriam ser encaminhados para o seu processo de regularização como unidade de ensino de educação básica da UFPB. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO GRÃOZINHO REFERENTE AO PERÍODO DE SETEMBRO A DEZEMBRO, 2013, p.3).

Neste encontro, obteve-se o esclarecimento que as instituições de Educação Infantil são de responsabilidade municipal, e que a Universidade Federal da Paraíba não poderia reconhecer e nem regularizar a situação d’O Grãozinho, uma vez que também não poderia mais construir unidades de Educação Infantil dentro da universidade. Sobre este encontro relata Ferreira (2014), no relatório de atividades do laboratório de ensino Grãozinho referente ao período de setembro a dezembro de 2013 que:

A justificativa do MEC, frente a essa medida, é que no entendimento do ministério a oferta da Educação Infantil deve ser tratada no âmbito da política municipal, que recebe desde o ano de 2007 incentivo do Programa Pro infância, destinados a ampliação dessa oferta nos municípios da federação. [...] No dia quatro do mês de novembro de 2013 a direção do CCHSA encaminhou para o gabinete da reitora um processo solicitando a regularização do funcionamento da unidade de ensino. No documento, anexo III desse relatório, está explicitado elementos desse parecer da comissão que menciona a necessidade a curto prazo de contratação de pessoal a médio prazo e a construção de um prédio denominado no documento como “escola padrão”, para que se atenda os padrões de infraestrutura estabelecido pelo documento intitulado pelo MEC como “Parâmetros de Infra- estrutura para Instituições de Educação Infantil”, publicado no ano de 2006. (RELATÓRIO DAS

ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO GRÃOZINHO REFERENTE AO PERÍODO DE SETEMBRO A DEZEMBRO, 2013, p.3)

O documento que menciona a citação trata-se do Parecer Nº 342/13, enviado pelo CCHSA ao chefe de gabinete da reitoria. Momento que é registrado no Relatório de Atividades do laboratório de ensino Grãozinho referente ao período de setembro a dezembro de 2013, a resposta corresponde ao pedido de legalização do funcionamento da instituição, o gabinete então responde que é “de ordem ao CCHSA para planejar, programar e executar as suas atribuições dentro de sua matriz orçamentária/recursos”. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO GRÃOZINHO REFERENTE AO PERÍODO DE SETEMBRO A DEZEMBRO, 2013, p.4)

Em detrimento a esta resposta e em torno das incertezas que vivenciam a instituição, principalmente junto ao processo de aposentadoria das professoras efetivas de carreira EBTT, ficou definido em reunião colegiada a suspensão das aulas para o ano de 2014, como também a restrição da ampliação da oferta da turma de alfabetização.

Diante da situação que implica as questões referentes ao reconhecimento da unidade pela UFPB e da existência de professores para assumirem as turmas no ano de 2014, foi sugerido pela chefe do laboratório que as atividades de ensino relacionadas a Educação Infantil fossem suspensas, no ano de 2014, para que se atentasse o reconhecimento da unidade e o retorno de seu funcionamento para atendimento escolar da Educação Infantil posteriormente. (Idem, p.5)

Para o retorno das atividades da instituição o relatório das atividades do laboratório de ensino Grãozinho referente ao período de setembro a dezembro (2013) ainda enfatiza como caminho a retomada das aulas por meio da “construção do novo laboratório contemplado no Plano de Desenvolvimento Institucional 2013-2017, para o ano de 2015”. Tal ação permitiria a ampliação da oferta de vagas, da mesma forma que poderia estimular a vinda de novas vagas destinadas ao Centro para a contratação de professores para atuarem na Educação Infantil. Enquanto isto não ocorre,

Para o ano de 2014 ficou acordado na reunião que o laboratório de ensino o Grãozinho funcionará com o atendimento a comunidade acadêmica e comunidade externa pelas ações de pesquisa, extensão e ensino com o funcionamento da brinquedoteca que garantirá a permanência do atendimento a criança e a formação inicial de estudantes das licenciaturas, da oferta de formação de professores da rede municipal e estadual da região, bem como o funcionamento do grupo de estudo e pesquisa intitulado Currículo e Prática Educativa. (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO GRÃOZINHO REFERENTE AO PERÍODO DE SETEMBRO A DEZEMBRO, 2013, p.5)

Nasce um novo ambiente, com vistas a propiciar um contexto aberto a realização de atividades de pesquisa, extensão e ensino, garantindo o atendimento a criança pequena por meio da Brinquedoteca e das atividades não formais. Sobre esse nascer de um novo broto é que nos deteremos melhor no capítulo que se segue.

CAPÍTULO III

Uma nova florada: a instituição do Laboratório de Ludicidade

Neste capítulo tentaremos dar início aos registros dessa nova identidade assumida pelo Laboratório de ensino e Brinquedoteca “O Grãozinho”. Consequentemente o leitor encontrará algumas lacunas provenientes inclusive do nosso tempo e da viabilidade da nossa pesquisa, mas que não desmerece a finalidade de descrever o nosso olhar enquanto agentes atuantes deste estudo, circundado pela memória de quem viveu parte desta história, e que hoje encerra uma etapa de sua vida com o desejo de construir a primeira versão sobre as múltiplas fases históricas vivenciadas pelo ‘O Grãozinho no âmbito de uma instituição federal.

3.1. Semeando educação e vivenciando novas práticas

O Laboratório de Ensino O Grãozinho no ano de 2014 contemplou atividades de ensino, pesquisa e extensão, configuradas nas seguintes ações: grupo de pesquisa Currículo e Práticas Educativas, formação de estagiários do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) vinculado a CAPES. Funcionamento da Brinquedoteca e do Polo Arte na Escola, com atendimento a comunidade externa, vinculado as ações lúdicas e de expressão da arte na infância, envolvendo um público de estudantes da Educação Infantil e ensino fundamental, bem como proporcionando formação continuada a professores desses níveis da educação básica da região. O laboratório ainda funciona como espaço para realização de aulas práticas de componentes curriculares do curso de Pedagogia. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO O GRÃOZINHO, 2014, p.1)

A citação acima define as novas atividades desenvolvidas pelo Grãozinho com o fim da realização das aulas em 2013. Funcionando como Brinquedoteca, mas ainda intitulado como Laboratório de Ensino do Curso de Pedagogia. O Grãozinho passa a ser um efetivo laboratório de ludicidade. Como brinquedoteca passa a “[...]desenvolver atividades relacionadas ao brincar na infância e constitui-se como espaço de formação inicial e continuada de professores, especificamente para a formação do pedagogo (a)” (BARBOSA et al, 2016, p.1). E atende “[...] grupos de crianças da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental das escolas da região” (idem)

O momento de transição vivenciado pela instituição e as difíceis condições para continuar se mantendo aberto como escola foram alguns dos aspectos narrados por nós no segundo capítulo. Na verdade, o que seria uma transição adquire nova conotação para aqueles que hoje dirigem a unidade. **Jalmira Linhares Damasceno** (2017) lembra que “a transição não foi bem uma transição, foi instituído mesmo! Não ia mais funcionar como escola, e fechado é que ele não ia ficar. Então esse termo ‘fecharam o Grãozinho’ não se aplica ao que se vive hoje”. O que se vê hoje no cotidiano da instituição é o que denominamos de “nova florada”, isto é, uma fase em que o Grãozinho modifica sua atribuição sem perder a

finalidade. Ele continua aberto a trabalhos pedagógicos e a Educação Infantil, mas dentro de um novo parâmetro e de uma nova configuração.

Após a suspensão das aulas, o espaço continuou sendo utilizado para desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão, se constituindo como um ambiente multidisciplinar, espaço de aulas, campo de estágio e de atuação de grupos de pesquisa, como o GPESC²⁶.

A brinquedoteca antes funcionava num espaço que era do tamanho dessa sala aqui, com 60 crianças lá dentro. Nós conversamos com a professora Terezinha [...] e a brinquedoteca passou a funcionar dentro do laboratório de ensino o Grãozinho e a gente a mantém. (JALMIRA LINHARES DAMASCENO, 2017)

Quando o curso de Pedagogia foi avaliado²⁷ por uma equipe do MEC, improvisou uma brinquedoteca²⁸ em uma das salas do Centro, o que não possibilitava o atendimento de muitas crianças. Daí a necessidade de um espaço maior como o Grãozinho para funcionar como a brinquedoteca do Curso.



Imagem 3: Antiga brinquedoteca do Curso de Pedagogia, 2013.
Fonte: Relatório de atividades do laboratório de ensino O Grãozinho, 2014.

O relatório de atividades do laboratório de ensino, referente ao ano de 2014, ainda rememora que:

²⁶ Grupo de Pesquisa em Currículo e Práticas Educativas, coordenado pela Profa. Ana Cláudia da Silva Rodrigues. Confira <<http://www.cchsa.ufpb.br/gpesc>>.

²⁷ Esta avaliação é realizada pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), desenvolvida pelo MEC por meio de uma comissão composta de especialistas que através de critérios avaliam as instituições de ensino superior, quanto a: Dimensão 1 – Organização didático Pedagógica do curso; Dimensão 2 – Corpo Docente e Dimensão 3 – Instalação Física. Foram Avaliadoras "ad-hoc" do Curso de Pedagogia em 2011 Liliana Soares Ferreira e Gláucia Signorelli de Queiroz Gonçalves.

²⁸ Neste período coordenava a brinquedoteca a professora Efigênia Maria da Costa, que logo em seguida se afastou para cursar o doutorado.

No espaço do Laboratório de ensino O Grãozinho foi inserido a brinquedoteca do Campus III, que também configura como laboratório de ensino do curso de Pedagogia. Sua transferência para esse espaço se deu no início do ano 2014, devido a demanda de atendimentos a comunidade externa registrada no ano de 2013, quando esse espaço estava sob a coordenação da professora do Departamento de Educação, Efigênia Maria dias Costa. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO O GRÃOZINHO, 2014, p.3)

Agora inserida no espaço do Grãozinho, a brinquedoteca **ganhou** novos espaços, organizados em ambientes temáticos, intitulados de “espaços brincantes” (BARBOSA et al, 2016, p.2). Estes espaços **foram** assim denominados: 1. O espaço de faz de conta; 2. O ateliê; 3. A sala de jogos e supermercado; 4. A sala de leitura; 5. A sala de brinquedos; 6. A parte externa, nomeada de gramado e 6. A oficina de brinquedos, espaço direcionado para criação de brinquedos pelas crianças e educadores. (idem).

F1



F2



Imagem 4: Ateliê do Laboratório Grãozinho, 2016.

Fonte: Acervo da Instituição, 2016.

As imagens acima retratam as crianças no salão principal da instituição, agora denominado de Ateliê. Nele, pequenos estúdios são montados com maquiagens, adereços e fantasias. Ainda constam neste espaço quadros sensoriais produzidos pelos alunos do curso de Pedagogia, levando as crianças a diversas experiências cognitivas.



Imagem 5: Espaços brincantes, 2016. Fonte: Acervo da instituição.

As imagens trazem os demais espaços brincantes, desde a área de lazer externa, já apresentada por nós no primeiro capítulo em outro ângulo, às salas do supermercado, de leitura e de brinquedo. Estes espaços brincantes fazem parte da estrutura maior da instituição, que pode também ser assim visualizada:

Quadro 8– Estrutura física, 2016.

Estrutura física do Grãozinho	Quantidade
Sala de oficina	1
Sala de brinquedos	1
Ateliê	1
Sala de leitura	1
Sala do supermercado	1
Sala do grupo de pesquisa	1
Área de lazer	1
Banheiro adulto	1
Banheiro infantil	1
Cozinha	1
Sala da secretária e direção	1
Almoxarifado	1

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017.

Neste período o quadro de funcionários estava composto no relatório de atividades do laboratório de ensino do ano de 2014 da seguinte forma:

Para a realização do trabalho diário desenvolvido no laboratório no ano de 2014 o espaço mantinha 02 funcionários terceirizados responsáveis pela limpeza interna e externa do ambiente. Duas funcionárias do quadro efetivo do magistério da carreira EBTT e duas funcionárias da carreira do magistério superior, cinco bolsistas vinculados ao curso de Pedagogia, três do Programa Bolsa Auxílio mantido pelo CCHSA e dois vinculados ao projeto de extensão desenvolvido pelo Polo Arte na Escola. Contávamos ainda, com a participação de quatro estudantes voluntários do curso de Pedagogia para o atendimento a comunidade pela brinquedoteca. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO O GRÃOZINHO, 2014, p.5)

Já para o ano de 2015 este quadro de funcionário se reduz, ficando assim constituído:

[...] por quatro funcionários terceirizados, sendo dois destinados para os serviços de limpeza e copa e dois com formação em Pedagogia contratados como educadores infantis. Duas professoras do magistério superior atuam também no laboratório, uma na coordenação do espaço e outra na coordenação do grupo de estudo e pesquisa. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO O GRÃOZINHO, 2014, p.5)

Segundo tais citações, tínhamos, em 2014, a equipe estava formada por 15 pessoas. Em 2015 o grupo diminuiu, ficando a equipe composta apenas por 6 pessoas. Destas, como já tínhamos mencionado, eram Jadsa Maria Beserra França e Olga Maria Rocha Marques as professoras da carreira EBTT. Já as professoras do magistério superior seriam: a coordenadora da unidade - Jalmira Linhares Damasceno e a professora líder do grupo de pesquisa GPESC - Ana Cláudia da Silva Rodrigues, ambas lotadas no Departamento de Educação. Tal diminuição no quadro de funcionários compromete drasticamente as atividades realizadas pela instituição, que pelo público que atendia deveria ter a equipe de funcionários ampliada.

Também baseado em dados trazidos pelo relatório de atividades de 2014, o Grãozinho enquanto brinquedoteca registrou um número de trinta e nove visitas no ano de 2013, correspondendo ao atendimento de 1.164 crianças da Educação Infantil e do ensino fundamental. Já no ano de 2014, a “brinquedoteca registrou o número de 50 visitas computando a circulação de 1.588 crianças”. Em seu formato anterior, a brinquedoteca comportava apenas 20 crianças, em média. Entre o público atendido estavam principalmente as crianças de escolas e creches, como a Creche Municipal Donzinha Bezerra em Bananeiras, que visitava a instituição uma vez por semana.

Esse número diariamente era excedido, devido as condições de deslocamento das crianças mantidas pelas escolas, que dispõem de uma oferta restrita de transporte. Nesse sentido, registrou-se uma média de 40 a 50 crianças por visita. Esse número limitava o acesso a brinquedos, bem como as brincadeiras que requeriam uma ação maior de movimento pelas crianças. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO O GRÃOZINHO, 2014, p.3)

As visitas de crianças ao Grãozinho ocorriam em dias previamente estabelecidos, terças, quartas e quintas-feiras, através de agendamento. A segunda-feira estava reservada para limpeza e manutenção dos brinquedos e nas sextas, entre quinze e quinze dias acontecia o encontro para estudo sobre as linguagens da infância. O intuito era o de “[...] proporcionar a vivência institucionalizada do direito de brincar a crianças de escolas públicas e privadas localizadas nas zonas urbanas e rurais dos municípios do Brejo e Agreste paraibano” (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO O GRÃOZINHO, 2014, p.3).

Sobre os recursos, após a taxa de matrícula ser abolida, a unidade passou a enfrentar momentos financeiros difíceis, mesmo sendo mantido pelo CCHSA. Em consequência disto, **Jalmira Linhares Damasceno** (2017) cita que “o grande contribuidor foi o NEMDR, coordenado pela professora Nilvânia. Materiais adquiridos pelo Núcleo vieram para cá e o Centro também comprou muito material que a gente solicitou para o ano de 2013”. Em decorrência disto, como também do aumento da procura do espaço por escolas e estudantes do curso de Pedagogia, principalmente das turmas de estágio, em 2016 a instituição passa a dá ênfase ao atendimento dos estagiários do PIBID, diminuindo logo em seguida o atendimento as escolas. Esta ação permanece também para o ano 2017. Comenta **Jalmira Linhares Damasceno** (2017):

Então no ano passado nós tivemos muitos alunos do estágio curricular, tanto na Educação Infantil como do ensino fundamental, como de educação do campo que trouxeram os alunos para cá. Nós temos algumas escolas parceiras do trabalho do PROEXT, do PROBEX, que a gente desenvolve. Então a gente vai diminuir um pouco, mais as visitas continuam a acontecer.

Em 2017, a unidade passa a ter um quadro de funcionário incerto, é o que comenta a coordenadora:

Hoje nós só vamos ter um bolsista. Até o ano passado duas funcionárias e dois bolsistas-auxílio trabalhavam aqui. Os bolsistas dividindo o horário e as funcionárias trabalhavam 8 horas por dia né. E a gente teve esse quadro até março deste ano. (**JALMIRA LINHARES DAMASCENO**, 2017)

Esta situação passa a ser justificada pelo CCHSA devido ao corte dos recursos enviados para o Centro, restando a cada Laboratório a existência de apenas um bolsista. O anseio da coordenadora para a permanência do atendimento da unidade está na aprovação dos projetos por ela propostos, como os de iniciativa PROLICEN e PROBEX. Como uma instituição de múltiplas facetas, o Grãozinho vive hoje um momento de retrocesso, é o que aponta **Jalmira Linhares Damasceno (2017)**:

Então nós voltamos nesse sentido do atendimento, nós voltamos praticamente ao ano de 2014. Por que em 2014, nós só tínhamos três bolsistas aqui dentro para atender e eu. E todas as outras pessoas que vinham no dia das visitas eram voluntárias.

Sabendo desta dificuldade vivenciada para continuar prestando serviço a comunidade, uma das docentes aposentadas do Grãozinho demonstra o desejo ao retorno das aulas, mas exprime também o quanto a instituição contribuiu e ainda continua beneficiando a comunidade.

Eu gostaria que ele funcionasse como escola né? Mas como laboratório no momento eu acredito que ele continua atendendo a comunidade como um todo. Eu gostaria mesmo é de ver o Grãozinho funcionando como sala de aula normal, mesmo com o trabalho feito pela professora, entendeu? Com essa nova metodologia mas... ai só Deus sabe, para ser reconhecido como será. Se eu fosse colocar uma escola pra mim eu seguiria a metodologia dela. (**OLGA MARIA ROCHA MARQUES, 2017**)

A fala acima traduz o sentimento de afetividade e vínculo com a história e a constituição desta instituição, que de início voltada a escola regular está atualmente sendo tecida por outras atribuições. “Essa verbalização que ‘fechou’ precisa de análise. Ela não fechou em 2013, houve um processo que levou em 2013 a escola a deixar de funcionar. E se a gente não tivesse aqui esse prédio hoje estava direcionado para outra coisa”, é o que enfatiza **Jalmira Linhares Damasceno (2017)** ressaltando que a instituição continua aberta para a construção de novas histórias e formações no cenário do Campus III.

3.2. Germinando saberes e colhendo conhecimentos: os projetos e o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos

Além de se constituir como um ambiente propício para as atividades com crianças, o Grãozinho se constituiria como um espaço provedor de diversos “projetos que ajudaram na formação dos estudantes” (**JALMIRA LINHARES DAMASCENO, 2017**), desenvolvendo

atividades “[...] de formação continuada a professores da educação básica dessas regiões referente à temática do brincar e da brincadeira na infância” (idem)

As ações do laboratório Grãozinho se intensificam e tornam-se ainda mais constantes no final do ano de 2013, com a abertura do edital do Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), vinculado a CAPES. Por meio deste programa houve a oferta de 30 bolsas de estágio remunerado para estudantes do curso de Pedagogia. Intitulado de “Iniciação à docência dos alunos do Curso de Pedagogia para atuarem na educação básica: consolidando saberes e articulando experiências”, terá vigência entre os anos de 2014 e 2018, sendo coordenado pelos professores Eduardo Jorge Lopes e Jalmira Linhares Damasceno, ambos do Campus III.

[...] ai abre o edital do PIBID, esse foi o grande momento da gente. Quando abriu o edital do PIBID no final de 2013, passamos a atender a brinquedoteca, a formação dos meninos com os estágios, passamos a montar aquele espaço para os alunos de Pedagogia, passamos a trabalhar mais lá dentro. Conseguimos aprovar o projeto, você foi bolsista da primeira leva com trinta bolsistas, trouxemos todo mundo aqui para dentro e passamos a funcionar aqui. (JALMIRA LINHARES DAMASCENO, 2017)

Com o desenvolvimento das atividades do PIBID, os alunos de Pedagogia passaram a frequentar, conhecer e interagir mais com este ambiente. Todos os bolsistas do projeto, utilizaram o Grãozinho para formações, estudos individuais e em grupo, reuniões, produção de material como brinquedos, jogos, entre outros. Alguns destes recursos eram disponibilizados pela instituição para o campo de estágio, com o intuito de contribuir com o desenvolvimento dos estágios.

Sobre este empréstimo de materiais, o documento de registro das ações (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO O GRÃOZINHO, 2014, p.2) traz: “O laboratório tem contribuído como espaço de produção de material didático, bem como colaborado com o empréstimo do seu acervo de jogos, brinquedos e livros de literatura infantil, para a realização dessa atividade de estágio.” O campo de atuação dos bolsistas PIBID eram, nesta época, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Emília de Oliveira Neves e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Xavier Júnior e a Creche Donzinha Bezerra da cidade de Bananeiras.

Com a finalidade de integrar e socializar experiências e as práticas pedagógicas os alunos se sentem encorajados e instigados a buscarem novos conhecimentos e a participarem

de eventos²⁹, com apresentação de trabalhos acadêmicos, tornando público as ações e os desafios enfrentados em sala de aula.

No tocante as atividades de pesquisa, os estudos partiam das reuniões do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas – GPESC, coordenado pela professora Ana Claudia Rodrigues. Nessa perspectiva, os estudos propiciados pelo Grupo de pesquisa envolviam

[...] a participação em estudos teóricos e produção de pesquisa por estudantes de graduação, o grupo mantém a participação de discentes do curso de Pedagogia e Ciências Agrárias. Seu atendimento e fomento à pesquisa se estende a estudantes dos cursos técnicos do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, viabilizando uma articulação entre pesquisa e ensino também nesse nível da educação básica. O grupo mantém uma média de participação de 20 estudantes, divididos entre a graduação e o ensino médio. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO O GRÃOZINHO, 2014, p.1)

Quanto ao funcionamento da brinquedoteca, as crianças eram atendidas pelos brinquedistas³⁰, que são um grupo constituído por alunos do Curso de Pedagogia estagiários do próprio Laboratório, que promoviam a organização do espaço físico por meio das salas temáticas, estudos e oficinas voltados para a construção e aproveitamento de brinquedos, muitos deles elaborados com material reciclável. A ideia estava pautada em viabilizar o resgate das brincadeiras tradicionais, ressignificando-as para os dias de hoje.

Ao que compreende aos estudos dos bolsistas brinquedistas que atuam no Grãozinho coordenado pela professora Jalmira Linhares Damasceno, mais especificamente em uma de suas linhas de pesquisa: “Currículo e Estudos da Infância”, e se caracterizavam

por estudos teóricos e metodológicos acerca da cultura lúdica da infância e seus elementos constituintes: a brincadeira e o brinquedo a partir das relações históricas, culturais e pedagógicas de produção do conhecimento. Esses elementos fundamentam a ação pedagógica do educador brinquedista na brinquedoteca, que ao longo desse processo constrói referências que viabilizam a compreensão do brincar na infância como um direito da criança. (BARBOSA, Et al, 2016, p.4)

Como consolidação das pesquisas e formações desenvolvidas pelo GPESC no Grãozinho, ocorreu o desenvolvimento de diversos trabalhos de conclusão de curso que tematizavam a Unidade como foco de suas investigações. São alguns deles:

²⁹O Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC) no Rio Grande do Norte, o Encontro Unificado de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPB e o Encontro de Educação do Campo.

³⁰ Em 2017 esse grupo também passa a ser composto pelos alunos dos estágios supervisionados do Curso de Pedagogia.

Quadro 9– Trabalhos monográficos.

TRABALHOS MONOGRAFICOS	AUTOR (A)	ANO
História de vida e percurso de formação docente na Educação Infantil	TAMIRES SILVA DE MOURA	2013
A brinquedoteca no Campus III como espaço institucionalizado do brincar na infância	HELINE MARIA DE OLIVEIRA SILVA	2015
Abordagem triangular de ensino de Arte na formação continuada dos professores da Educação Infantil: ler, contextualizar e produzir a expressão artística na primeira infância	AURICÉLIA VENÂNCIO DOS SANTOS	2015
Memórias e narrativas sobre as práticas pedagógicas da Escola Infantil “Grãozinho”	GABRIELA MORAIS VALÉRIO DA SILVA	2015
História de vida e formação docente: uma narrativa de encantos pelo ato de contar histórias	JACINTA SILVINO PEREIRA	2016

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017.

Essas produções trazem contextos diferenciados, inclusive pautados na prática escolar adotada pela unidade ainda enquanto espaço regular de ensino. Em linhas gerais, o trabalho “Memórias e narrativas sobre as práticas pedagógicas da Escola Infantil ‘Grãozinho’” rememora a experiência de uma ex-aluna e professora estagiária quando em trabalho na instituição, discutindo a leitura e a ludicidade como contribuições para o desenvolvimento das habilidades física, motora, cognitiva e artística da criança pequena. Também se trata de uma pesquisa autobiográfica de uma ex-estagiária o trabalho “História de vida e percurso de formação docente na Educação Infantil”. Já a monografia “Abordagem Triangular de Ensino de Arte na Formação Continuada dos Professores da Educação Infantil: ler, contextualizar e produzir a expressão artística na primeira infância” discute a experiência e a importância do trabalho de formação de professores da educação básica para o ensino da arte.

Projetos de extensão e de ensino também se apropriavam do ambiente para a realização de seus trabalhos. Os desenvolvimentos destes projetos aumentavam as ofertas de bolsas e a participação de alunos do curso neste ambiente, proporcionando visibilidade ao Laboratório e as ações lá desenvolvidas, além de também propiciarem a vinda de recursos, como o que foi adquirido pelo PROEXT.

Quadro 10 – Lista de Projetos

PROJETOS DE EXTENSÃO	TÍTULO	ANO/VIGÊNCIA
PIBID	Iniciação à docência dos alunos do Curso de Pedagogia para atuarem na educação básica: consolidando saberes e articulando experiências	2014-2018

PROEXT	Polo Arte na Escola: Abordagem Triangular de ensino de Arte e formação continuada do professor da Educação Infantil: ler, contextualizar e produzir arte na primeira infância	2014
PROBEX	A brinquedoteca e a cultura lúdica	2016
PROLICEN	Brinquedoteca na formação do pedagogo	2016
PROEXT	A brinquedoteca e a cultura lúdica da infância	2016

Fonte: Quadro produzido pela autora, 2017.

As pesquisas de extensão realizadas nos anos de 2016 estão todas direcionadas para o trabalho da brinquedoteca, com temáticas na área de currículo, ludicidade, expressividade, o brincar como forma de linguagem infantil, o brincar e o brincar dentro e fora da escola. Sobre esse olhar desenvolvido na produção do projeto, **Jalmira Linhares Damasceno** (2017) assinala que

[...] o laboratório de ensino está voltado tanto para a formação inicial, quanto para a formação continuada do professor, da criança. [...] é um laboratório lúdico-expressivo que lida com o currículo, com linguagem e com ludicidade. Na discussão sobre o brincar, estamos discutindo o brincar na escola e fora da escola. Então, o elemento do currículo está muito presente aqui também né? O brincar como forma de linguagem da criança, como expressão da criança. Então, ele é um espaço para o professor inclusive aprender a brincar ou reaprender a brincar.

Outros projetos foram vivenciados, como o “Projeto Polo Arte na Escola” desenvolvido pelo PROEXT, que propõe a formação continuada dos professores da rede básica de ensino de Bananeiras. Por meio dele foi ofertado o minicurso intitulado “Desdobramento da Leitura de Imagem na Educação Infantil”, ministrado pela professora da Universidade de São Paulo (USP) Clarissa Lopes Suzuki. Sobre ele Andrade (2013, p.2) assinala que

A proposta de formação continuada no âmbito desse projeto se configura como um desdobramento das ações desenvolvidas na área de artes visuais no Campus III da UFPB. Pelo Polo Arte na Escola, do ano de 2009 ao ano de 2012, fruto de uma ação do PROBEX, direcionamos as ações aos professores da educação básica, bem como na atuação das ações de formação de professores da educação do campo vinculadas ao NEMDR (Núcleo de Extensão Multidisciplinar para o Desenvolvimento Rural) no ano de 2012.

Ainda em 2015, criou-se o Prêmio Elo Cidadão³¹, que é uma forma de reconhecimento e valorização de todos os extencionistas na concretude e desempenho de sua prática acadêmica. No ano seguinte, por meio de uma solenidade houve a entrega da premiação no 18 de novembro de 2016 durante a programação do IV Encontro Unificado de Pesquisa e Extensão da UFPB.

Dois trabalhos desenvolvidos no Grãozinho foram premiados, ambos orientados pela Professora Jalmira Linhares Damasceno, são eles: “Experimentação estética na formação do pedagogo: uma contribuição para o ensino de Artes”, de Jeorgeana Silva Barbosa; e “A linguagem da arte na Educação Infantil”, produzido pelas graduandas Allana Dayana de Souza S. da Silva e Mirelly Aline Martins de Souza.

Concomitante a isso, também no ano de 2016 foi realizado o primeiro “Seminário de Currículo e Cultura Lúdica: brincadeira é coisa séria”, também sob a coordenação de Jalmira Linhares Damasceno. O evento foi realizado em 16, 17 e 18 de novembro, campus III da UFPB de Bananeiras, e tinha o intuito de discutir o brinquedo e a criança pequena. Como parte da programação do evento houve a “A infância e a cultura Lúdica”, ministrada pela professora Dr. Patrícia Dias Prado, da Universidade de São Paulo (USP).



Imagens 6: Fotos referentes ao Seminário: Currículo Infância e Cultura Lúdica, 2016.
Fonte: Acervo pessoal de Jeorgeana Silva Barbosa, 2016.

Além dos projetos mencionados, como já comentamos a unidade ainda seria utilizada como espaço de visita de aulas de campo de estágio, como a que ocorreu no componente curricular “Jogos e brincadeiras”, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus de Guarabira.

³¹ A lista dos projetos de extensão premiados está disponível em: www.prac.ufpb.br/contenidos/elo-cidadao

No contexto do estágio supervisionado do curso de Pedagogia, o laboratório atendeu, durante o último semestre do ano de 2014, a dois grupos de estágio I, referente a área de educação não-formal, orientado pelos professores Vívian Galdino e Hoverdiano César. Suas atividades foram direcionadas as ações da brinquedoteca. [...]. Ainda configurando as atividades de ensino, no ano letivo de 2014 foram realizadas nesse espaço aulas dos componentes curriculares: Didática, Pesquisa e Prática na Educação Infantil, Artes e Educação e Fundamentos da Alfabetização, sob a responsabilidade das professoras Jalmira Linhares Damasceno e Simone Vieira Batista. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO LABORATÓRIO DE ENSINO O GRÃOZINHO, 2014, p.3)

Ao se voltar para as atividades pautadas na linguagem, na brincadeira e nas Artes, o Grãozinho sistematiza seu espaço e organiza suas formações priorizando a expressividade da criança. A ludicidade que reveste todos os espaços da instituição de cores e formas toma o brincar na infância como elo central da ação pedagógica dos brinquedistas.

Ao tomar a Arte como um princípio norteador de suas atividades, a unidade investe numa educação estética, constituindo a instituição como um espaço mediador de formação para as diversas linguagens, aonde o “corpo que brinca é um corpo expressivo” (JALMIRA LINHARES DAMASCENO, 2017). Nessa perspectiva,

[...]o Grãozinho é um laboratório lúdico-expressivo. Nele existe a necessidade de perceber a criança como um ser criador, como um ser criativo... há a quebra com os estereótipos de criação, eles estão presentes dessa forma, aqui nesse espaço. [...] até a ideia do brinquedo é uma invenção, então nesse processo de invenção, eu vou lidar com formas, com materiais que meche com a minha construção estética da vida. A estética está relacionada com a forma. Forma de se ver o mundo e de se criar novas formas entendeu.[...] E o princípio de formação estética aqui está voltado para as relações de ludicidade da criança. (idem)

Essa mudança de identidade pedagógica da instituição revela os momentos de conflitos que foram vividos, mas destaca também o desejo coletivo de manter este espaço em funcionamento. A partir desta nova florada, novas práticas educativas foram vivenciadas, inclusive advindas das inovações trazidas pelos estudos e oficinas de formação.

Em virtude da diversidade de atividades e das suas múltiplas faces históricas vivenciadas, enfatizamos a importância desta instituição para o Campus III, como um espaço formativo que investe seus esforços na produção de um conhecimento sobre a criança pequena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo monográfico buscou-se discutir e historicizar o contexto de criação e institucionalização da ‘Escola de Educação Infantil “O Grãozinho” e do Laboratório de Ensino do Curso de Pedagogia, Campus III/ UFPB, durante os anos de 1980 a 2016. Produzimos um trabalho de conclusão de curso que narrasse a trajetória histórica de uma instituição voltada a criança, destacando as mudanças de suas práticas e o cotidiano de suas atividades, nestes trinta anos de existência. Uma presença concreta mais vista nas práticas do que nas documentações legais.

Apesar da idade e da importância que possui, o Grãozinho vivenciou uma história silenciada durante anos na Universidade Federal da Paraíba. Sabia-se de suas atividades, mas desconhecia-se a sua regulamentação. Instituição que desempenhou por quase quinze anos a função de alfabetizar as crianças de Bananeiras, teve seu funcionamento como escola interrompido em meados de 2013, por questões burocráticas que inviabilizaram a continuidade dos trabalhos.

Em decorrência disto, passou por uma virada identitária, atuando como laboratório de ensino dos cursos de graduação e de pós-graduação do Campus III. Brinquedoteca e ambiente para a realização de estudos, formações e projetos de ensino e extensão (como PIBID, PROEXT, PROLICEN e PROBEX), ele continua tendo uma finalidade educativa, voltada a criança pequena. Atende ainda a públicos diversos da comunidade, por meio do agendamento de visitas que contribuem para o desenvolvimento de atividades formativas de alunos e professores da rede básica de ensino.

Para compor esta tela, que buscou descrever a história desta unidade de Educação Infantil, foi que recorreremos a depoimentos e memórias dos sujeitos que lá aturam de alguma forma, orientados pelo princípio da História Oral. Além das fontes orais, consultamos fontes documentais que foram de suma importância para compreender os contextos históricos pelos quais passou a instituição.

Esse passeio pelo passado por meio dos documentos históricos permitiu o contato com os regimentos internos (de 1986 e o de 2013), os relatórios da comissão de reestruturação do laboratório (do período de agosto de 2012-2013, relatório das atividades d’O Grãozinho do período de setembro a dezembro de 2013), relatório das ações já enquanto Laboratório de Ensino de 2014, e a nova Proposta Político Pedagógico da unidade (triênio 2013-2016). Este acervo documental constituído para a produção deste trabalho pode vir a nortear outras

pesquisas que tomem a instituição como focos de seus estudos, além de poder sugerir a constituição de um arquivo documental associado ao Memorial, sendo parte integrante da história do Campus III.

No contexto de nossas análises, constatamos o quanto é significativo o papel que o Grãozinho desempenha como um espaço provedor de saberes e de educação. É preciso que se encontrem, meios de mantê-lo vivo e atuante, como um possível Núcleo de Estudos sobre a criança pequena.

Por meio deste trabalho, acreditamos que outros caminhos de pesquisa podem ser percorridos, gerando diversas possibilidades de investigação e o desenvolvimento de trabalhos futuros. A percepção do jardim de infância e da Educação Infantil como uma política assistencialista abre um norte de discussões que ainda precisam ser realizadas no âmbito do Brejo paraibano, ao mesmo tempo em que poderíamos refletir também sobre a legislação que rege o Ensino Fundamental de 9 anos e sua discussão dentro das escolas do campo. Outra possibilidade de pesquisa seria a fase de transformação em que vive o Grãozinho atualmente, enquanto um Laboratório de Ludicidade, como também as perspectivas de investimento neste espaço por parte do CCHSA/UFPB. Muitas sementes ainda podem ser lançadas, é o que pretendemos fazer em outros espaços de discussão, como os programas de pós-graduação. Semearmos a pesquisa sobre esta instituição a espera de novas afluências...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História oral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANDRADE, Luciene de, et al. **Polo Arte Na Escola: Formação Continuada De Ensino Da Arte Para Professores Da Educação Básica De Bananeiras/PB**. <Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/2CCHSADCSAPROBEX2013695.pdf>> Acesso 09/06/2017

BARBOSA, Jeorgena Silva, et al. **A Compreensão do Brincar na Infância como Constituinte da Prática Docente**. CONEDU, 2017, pag. 10. <Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID7479_15082016191044.pdf> Acesso: 13/07/2017

CATÃO, Maria José Duarte. **Da Baleia ao Urso Branco nos Caminhos de Bananeiras: Uma investigação sobre os “reguladores do tempo” na Educação Infantil**. 2009. Pag.151. *Dissertação* (Mestrado) –Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

COLEÇÃO CÍRCULOS DE FORMAÇÃO, Caderno 1. **Princípios Freireanos e Sócio Construtivismo**. MOVA: São Paulo, 2003, pag.5-20.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988. **Art. 205**. <Disponível em: www.fumec.br/cerai/docs/constituicao_federal_de_1988.pdf> Acesso: 13/07/2017

DECRETO, Nº **93.408 de 10 de outubro de 1986**. < Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/D93408.htm > Acesso em: 19/04/2017

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória identidades**. História oral, volume 6. 2003, pag.9-25.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 ed.- São Paulo: Atlas, 2003.

LEI FEDERAL, Nº. **5.692 de 11 de agosto de 1971**. < Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> > Acesso em: 19/04/2017

MOURA, Tamires Silva de. **História de vida e percurso de formação docente na Educação Infantil**. 2013. Pag. 50. *Monografia* (Pedagogia)- Universidade Federal da Paraíba, Bananeiras, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. Ed., 1ª reimpressão. _ São Paulo: Contexto, 2008.

RAUUP, Marilena Dandolini. **Creches nas Universidades Federais: questões, dilemas e perspectivas**. Educ. Soc., Campinas. vol. 25, n.86, p.197-217, abril de 2004.

RAUUP, Marilena Dandolini. **A Educação Infantil nas universidades federais: questões, dilemas e perspectivas**. 2002. Pag.142. *Dissertação* (Mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SANTOS, Wanderléia Farias. **Entre linhas, bordados e sabores: memórias e histórias de educadoras do Curso de Economia Doméstica em Bananeiras-PB(1960-1970)**. 2014. Pag. 166. *Dissertação* (Mestrado) -Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
<Disponível em: www.cchsa.ufpb.br/heb> Acesso em: 06/07/2017.

SILVA, Heline Maria de Oliveira. **Abordagem Triangular de Ensino da Arte na Formação Continuada de Professores da Educação Infantil: Ler, Contextualizar e Produzir a Expressão Artística na Primeira Infância**. <Disponível em: www.prac.ufpb.br/XVENID/PROLICEN/CCHSA/11.docx>Acesso: 29/05/2017

SILVA, Gabriela Moraes Valério da. **Memórias e narrativas sobre as práticas pedagógicas da Escola Infantil “Grãozinho”**. 2015. Pag. 82. *Monografia* (Pedagogia)- Universidade Federal da Paraíba, Bananeiras, 2015.

SILVA, Manoel Luiz. **História do Patronato ao Colégio Agrícola nos seus 90 anos**. 2º ed. Bananeiras-PB, 2014.

FONTES CONSULTADAS

PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO. **Unidade de Educação Infantil “O Grãozinho”**. Triênio 2013-2016.

REGIMENTO. **Interno da Escola de Educação Infantil “O Grãozinho”**. Bananeiras: UFPB, 1986. <Disponível em: www.cchsa.ufpb.br/heb >Acesso em: 03/02/2017.

REGIMENTO. Interno da Unidade de Ensino Infantil “O Grãozinho”. Bananeiras: UFPB, 2013.

RELATÓRIO. Das atividades da comissão de reestruturação do laboratório de ensino Grãozinho. 2012-2013.

RELATÓRIO. Das atividades do laboratório de ensino Grãozinho referente ao período de setembro a dezembro. 2013.

RELATÓRIO. Das atividades do laboratório de ensino Grãozinho. 2014.

APÊNDICE

APÊNDICE 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre a história da educação e a criação da unidade de Educação Infantil “O Grãozinho” dentro do Campus III da UFPB e está sendo desenvolvida por Janiely da Costa Cunha, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Vivian Galdino de Andrade.

O objetivo deste estudo permeia em historiar o contexto de criação da ‘Escola de Educação Infantil “O Grãozinho”’ à sua institucionalização como Laboratório de Ensino do Curso de Pedagogia, Campus III/ UFPB.

A finalidade deste trabalho está em contribuir para a história da educação do município de Bananeiras, quando traz a tona - para a comunidade acadêmica e estudantil - uma reflexão sobre a história desta instituição de Educação Infantil. Solicitamos a sua colaboração para nos ceder uma entrevista (dentro das concepções teóricas da História Oral), como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e também em revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Assinatura da Testemunha

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Janiely da Costa (998693297) ou para a pesquisadora orientadora Vivian Galdino (999035444).

Atenciosamente,

JANIELY DA COSTA CUNHA Assinatura do Pesquisador – TCC

VIVIAN GALDINO DE ANDRADE Matrícula SIAPE: 18187770

Assinatura do Pesquisador Orientador

APÊNDICES 2: Roteiro de entrevista

Roteiro de entrevista

Colaborador: Alírio Trindade Leite

Dia 12 de abril de 2017

Informações: Em que cidade você reside? Qual a sua idade? Qual o seu nível de escolaridade?

1. Segundo as nossas pesquisas o Grãozinho foi criado em sua gestão. Mas existem dois anos que datam sua criação, 1980 e 1986. O senhor pode nos falar melhor sobre isso?
2. Quais os motivos nortearam o surgimento do Grãozinho? Quem passou a compor a equipe que trabalhava lá na época? O senhor teria alguma foto ou outra fonte que relembra este período?
3. Por que o nome “Grãozinho”? Como se deu o processo que o definiu com este nome?
4. Como se deu a contratação dos professores, gestor e demais funcionários? Eram vagas terceirizadas ou da própria universidade?
5. Qual a finalidade da instituição? Qual o perfil das crianças que estudavam na instituição e como se dava o ato de sua matrícula?
6. O senhor lembra quantos alunos a instituição atendia? Existia transporte para eles? Alimentação? Fardamento?
7. Vimos que a escola tem um regimento interno, mas está datado de 1986. Em outras entrevistas descobrimos que no ato de sua criação não havia nenhum regimento, é verdade? E como ficou delineada a finalidade da instituição sem regimento ou PPP?
8. O senhor saberia quem escreveu o regimento de 1986?
9. Antes de ser uma escola, o prédio que hoje é o Grãozinho funcionava com outra finalidade? O que era desenvolvido?

10. Para atuar em sala de aula as docentes receberam alguma formação continuada? Eram formadas na área? Tiveram algum acompanhamento pedagógico vindo de professores da universidade? E como eram propiciados os recursos destinados a manutenção da escola?
11. O senhor sabia que o Grãozinho hoje atua como laboratório de ensino do curso de Pedagogia? Essa sua nova definição se deu pela falta de um registro que o identificasse como uma unidade de Educação Infantil federal. Tal como ele, existem as escolas da UFPB de João Pessoa e a da UFCG, no entanto elas conseguiram se federalizar. O senhor gostaria de comentar algo sobre isso? Soube por que se deu este processo?

Roteiro de entrevista

Colaborador(a): Jalmira Linhares Damasceno

Dia 27 de abril de 2017

Informações: Em que cidade você reside? Qual a sua idade? Qual o seu nível de escolaridade?

1. Você sabe como surgiu o Grãozinho?
2. Em que ano você entrou na instituição? Qual função exerce?
3. Quando a senhora assumiu a coordenação do Grãozinho, ele ainda funcionava como escola? Que mudanças ocorreram com sua entrada? Como se comportaram os pais das crianças com as mudanças implantadas? E as crianças? Como elas responderam as mudanças?
4. Como você desenvolve seu trabalho? Conte-nos como é o seu dia-a-dia na instituição?
5. Como eram as crianças? Mais ou menos quantas eram por sala? De que contexto elas vinham?
6. Existe algum momento que você se lembra do convívio com elas? Dos recursos didáticos que utilizava? Dos materiais que produzia para as aulas?
7. Para atuar em sala de aula vocês receberam alguma formação continuada proporcionada pela UFPB? Como é a relação que o Grãozinho tem com a UFPB?
8. Fale-nos um pouco mais do Grãozinho. Quando funcionava como escola como era a instituição? A sua divisão interior? O que era desenvolvido em cada sala? Rememore um pouco como eram usados os espaços que existiam na instituição.

9. Quem compunha na época de escola o corpo docente? Como acontecia a entrada (matrícula) dos alunos? Os alunos atendidos eram apenas os filhos de docentes e servidores da universidade?
10. Quais as lembranças que você traz sobre a proposta pedagógica da escola? Vocês sempre se reuniam para planejamento de atividades?
11. E os momentos de recreação? De atividades extracurriculares? Fale-nos um pouco do que você se lembra.
12. Você lembra se a escola tinha algum regimento ou estatuto? Como ele foi criado? Quem o escreveu?
13. Rememore suas lembranças sobre como surgiu o laboratório o Grãozinho? Em que ano? Vivenciou algum desafio (momentos bons ou ruins)? Quem fazia parte da comissão de reestruturação da instituição?
14. Fale sobre o dia a dia do laboratório? Como esta dividido? Quem o compõe atualmente (funcionários, bolsistas, docentes)?
15. Como esta sendo desenvolvido o seu trabalho enquanto laboratório? Que sujeitos estão sendo atendidos na instituição?
16. Hoje qual é o papel da instituição? E com relação a implementação da brinquedoteca, que mudanças ocorreram?
17. Atualmente a instituição tem algum regimento? Quem o escreveu? E o projeto político pedagógico?
18. Atualmente quantas crianças são atendidas pela instituição? De que faixa etária?
19. Você acredita que ‘O Grãozinho’, ainda quando escola, seguia as mesmas práticas pedagógicas desenvolvidas desde a sua fundação em 1986? O que você acha que permaneceu desde seu surgimento e o que acha que mudou ao longo dos anos?
20. Conte-nos um pouco do que você vivenciou com o fim da fase escolares do Grãozinho?
21. O que acha dele atualmente como “Laboratório de Ensino”? Acredita que ele continua atendendo a comunidade como antes?

Você possui alguma foto dos anos que passou por lá? Algum caderno escolar? Planos de atividades? Qualquer documento dessa época que poderíamos copiar?

Roteiro de entrevista para a ex-coordenadora e a ex-professora

Colaboradoras: Maria do Socorro Ferreira Frazão

Luzia Zilda de Andrade e Silva

Dia 29 de março de 2017

Informações: Em que cidade você reside? Qual a sua idade? Qual o seu nível de escolaridade?

1. Você sabe como surgiu o Grãozinho?
2. Em que ano você entrou na instituição?
3. Qual função exercia? Quanto tempo passou atuando?
4. Como se deu a sua contratação? Teve alguma formação inicial? Se teve como e onde foi?
5. Em que séries você atuava?
6. Como você desenvolvia seu trabalho? Que atividades executava? Conte-nos como era o seu dia-a-dia na instituição?
7. Como eram as crianças? Mais ou menos quantas eram por sala? De que contexto elas vinham?
8. Existe algum momento que você se lembra do convívio com elas? Dos recursos didáticos que utilizava? Dos materiais que produzia para as aulas?
9. Para atuar em sala de aula vocês receberam alguma formação continuada proporcionada pela UFPB? Possuíam algum contato ou orientação de algum professor da universidade? Como era a relação que o Grãozinho tinha com a UFPB?
10. Fale-nos um pouco mais dor grãozinho. Como era a instituição? Quem compunha na época o corpo docente? Como acontecia a entrada (matrícula) dos alunos? Os alunos atendidos eram apenas os filhos de docentes e servidores da universidade?
11. Quais as lembranças que você traz sobre a proposta pedagógica da escola? Quem fazia parte da direção nessa época? Vocês sempre se reuniam para planejamento de atividades?
12. E os momentos de recreação? De atividades extra curriculares? Fale-nos um pouco do que você se lembra?

13. Você lembra se a escola tinha algum regimento ou estatuto? Como ele foi criado? Quem o escreveu?
14. Você teve algum contato com o professor Alírio? Foi na época da gestão dele que surgiu o Grãozinho, não é isso?
15. Você possui alguma foto dos anos que passou por lá? Algum caderno escolar? Planos de atividades? Qualquer documento dessa época que poderíamos copiar?

Roteiro de entrevista

Colaborador(a): Olga Maria Rocha Marques

Dia 27 de março de 2017

Informações: Em que cidade você reside? Qual a sua idade? Qual o seu nível de escolaridade?

1. Você sabe como surgiu o Grãozinho?
2. Em que ano você entrou na instituição?
3. Qual função exercia? Em que séries você atuava? E quanto tempo passou atuando?
4. Como se deu a sua contratação? Teve alguma formação inicial? Se teve como e onde foi?
5. Você sabe quem foram todos os diretores que passaram pela instituição? Fale-nos um pouco deles.
6. Como você desenvolvia seu trabalho? Que atividades executava? Conte-nos como era o seu dia-a-dia na instituição?
7. Como eram as crianças? Mais ou menos quantas eram por sala? De que contexto elas vinham?
8. Existe algum momento que você se lembra do convívio com elas? Dos recursos didáticos que utilizava? Dos materiais que produzia para as aulas?
9. Para atuar em sala de aula vocês receberam alguma formação continuada proporcionada pela UFPB? Possuíam algum contato ou orientação com algum professor da universidade? Como era a relação que o Grãozinho tinha com a UFPB?

10. Fale-nos um pouco mais do Grãozinho. Como era a instituição? A sua divisão interior? O que era desenvolvido em cada sala? Rememore um pouco como eram usados os espaços que existiam na instituição.
11. Quem compunha na época o corpo docente? Como acontecia a entrada (matrícula) dos alunos? Os alunos atendidos eram apenas os filhos de docentes e servidores da universidade?
12. Quais as lembranças que você traz sobre a proposta pedagógica da escola? Quem fazia parte da direção nessa época? Vocês sempre se reuniam para planejamento de atividades?
13. E os momentos de recreação? De atividades extra curriculares? Fale-nos um pouco do que você se lembra.
14. Você lembra se a escola tinha algum regimento ou estatuto? Como ele foi criado? Quem o escreveu?
15. Você teve algum contato com o professor Alírio? Foi na época da gestão dele que surgiu o Grãozinho, não é isso?
16. Diante das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo Grãozinho, o que mais a levou a trabalhar e continuar dando aulas nesta escola? Vivenciou algum desafio (momentos bons ou ruins)?
17. Você acredita que ‘O Grãozinho’, ainda quando escola, seguia as mesmas práticas pedagógicas desenvolvidas desde a sua fundação em 1986? O que você acha que permaneceu desde seu surgimento e o que acha que mudou ao longo dos anos?
18. Sua experiência enquanto docente dessa escola também passou por mudanças? O que você achou da coordenação da professora Jalmira? Que mudanças ocorreram na gestão dela? Como se comportaram os pais das crianças com as mudanças implantadas? E as crianças? Como elas responderam as mudanças?
19. Conte-nos um pouco do que você vivenciou com o fim da fase escolares do Grãozinho?
20. O que acha dele atualmente como “Laboratório de Ensino”? Acredita que ele continua atendendo a comunidade como antes?

Você possui alguma foto dos anos que passou por lá? Algum caderno escolar? Planos de atividades? Qualquer documento dessa época que poderíamos copiar?

Roteiro de entrevista

Colaborador: Oseias de Almeida Neto

Dia 29 de março de 2017

Informações: Em que cidade você reside? Qual a sua idade? Qual o seu nível de escolaridade?

1. Você sabe como surgiu o Grãozinho?
2. Qual função exercia? Quanto tempo passou atuando?
3. Como se deu a contratação das professoras? Teve alguma formação inicial? Se teve como e onde foi?
4. Como eram as crianças? Mais ou menos quantas eram por sala? De que contexto elas vinham?
5. Existe algum momento que você se lembra do convívio com elas? Dos recursos didáticos que utilizava? Dos materiais que produzia para as aulas?
6. Para atuar em sala de aula as professoras receberam alguma formação continuada proporcionada pela UFPB? Possuíam algum contato ou orientação de algum professor da universidade? Como era a relação que o Grãozinho tinha com a UFPB?
7. Fale-nos um pouco mais do Grãozinho. Como era a instituição? Quem compunha na época o corpo docente? Como acontecia a entrada (matrícula) dos alunos? Os alunos atendidos eram apenas os filhos de docentes e servidores da universidade?
8. Quais as lembranças que você traz sobre a proposta pedagógica da escola? Quem fazia parte da direção nessa época? E os momentos de recreação? De atividades extracurriculares? Fale-nos um pouco do que você se lembra?
9. Você lembra se a escola tinha algum regimento ou estatuto? Como ele foi criado? Quem o escreveu?
10. Você teve algum contato com o professor Alírio? Foi na época da gestão dele que surgiu o Grãozinho, não é isso?
11. Você possui alguma foto dos anos que passou por lá? Algum caderno escolar? Planos de atividades? Qualquer documento dessa época que poderíamos copiar?

ANEXO

ANEXO 1: FOTOS DAS DATAS COMEMORATIVAS E CÍVICAS DA ESCOLA



Imagem 7- Comemoração da Páscoa de 1998. Acervo pessoal do Grãozinho, 2017.



Imagem 8- Comemoração de São João no Grãozinho de 1991. Acervo pessoal do Grãozinho, 2017.



Imagem 9- Comemoração do dia das mães no auditório do CFT em 1991. Acervo pessoal do Grãozinho, 2017.



Imagem 10- Desfile Cívico em comemoração ao dia 7 de setembro de 2012. Acervo pessoal do Grãozinho, 2017.



Imagem 11- Comemoração do dia do índio de 1996. Acervo pessoal do Grãozinho, 2017.

ANEXO 2



Imagem 12- Imagem correspondente a turma dos concluintes de 2002 em frente da Escola de Educação Infantil "O Grãozinho". Foto do acervo pessoal do Grãozinho, 2016.



Imagem 13- Imagem do espaço destinado para exposição de trabalhos e para brincadeiras em ambiente fechado. Foto do acervo pessoal do Grãozinho, 2016.



Imagem 14- Foto das professoras pioneiras do Grãozinho em 1987. Acervo pessoal do Grãozinho, 2017.